

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE MEDICINA

CARLA FERNANDES MOTTA

**Análise dos fatores de influência sobre a felicidade e satisfação com o
ambiente educacional de professores universitários**

São Paulo

2023



CARLA FERNANDES MOTTA

**Análise dos fatores de influência sobre a felicidade e satisfação com o
ambiente educacional de professores universitários**

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se disponível na FMUSP)

Tese apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Doutora em Ciências

Programa: Ciências Médicas.

Área de concentração: Educação e Saúde

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Zen Tempski

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Motta, Carla Fernandes

Análise dos fatores de influência sobre a
felicidade e satisfação com o ambiente educacional
de professores universitários / Carla Fernandes
Motta. -- São Paulo, 2023.

Tese (doutorado) -- Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo.

Programa de Ciências Médicas. Área de
Concentração: Educação e Saúde.

Orientadora: Patrícia Zen Tempski.

Descritores: 1.Felicidade 2.Satisfação no
trabalho 3.Qualidade de vida 4.Professores
universitários 5.Ambiente educacional 6.Ambiente de
trabalho

USP/FM/DBD-220/23

Responsável: Erinalva da Conceição Batista, CRB-8 6755

Nome: Motta, Carla Fernandes

Título: Análise dos fatores de influência sobre a felicidade e satisfação com o ambiente educacional de professores universitários

Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Aos meus queridos pais, Eduardo e Arminda.

Ao meu marido, Marcos Mota.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois, sem ele, nada seria possível.

Aos meus pais, Eduardo e Arminda, pela presença e pelo amor incondicional na minha vida. A finalização deste doutorado é a prova de que os esforços de vocês pela minha educação valeram a pena. Obrigada por tudo. Amo vocês.

Ao meu marido, Marcos Mota, por seu amor, seu cuidado, seu carinho, seu incentivo, seu apoio e sua paciência; e por estar sempre ao meu lado em todos os momentos. Obrigada por me acompanhar em todas as viagens e desafios. Te amo muito.

Aos meus irmãos, Eduardo, Alexandre e Rafael, pelos momentos em que não estivemos juntos e souberam entender.

A Patrícia Mota, minha filha, por estar sempre presente na minha ausência, cuidando da casa e de nossos pets.

A toda minha família, pelo apoio, torcida e confiança que sempre depositaram em mim.

À Professora Patrícia Tempski, por sua amorosidade e por me inspirar a cada dia a ser melhor. Obrigada por ter acreditado e depositado sua confiança em mim. Sem sua orientação, este trabalho não seria possível.

Ao Professor Milton Martins, por suas contribuições indispensáveis e certeiras na análise deste trabalho.

À Renata Kobayasi, por sua disponibilidade e valiosa contribuição nas análises estatísticas e revisão do artigo.

A todos os meus colegas da Pós-graduação do CEDEM/FMUSP, Leandro Raider, Marcela Oliveira, Carlos Campos, Adriana Esteves, Gabriela Silveira, Alexandre Sizilo, Angélica Manfroi, Paula Poço, Pamela Costela, Leticia Cabrini, pela convivência e apoio mútuo ao longo destes anos.

Aos amigos, Rodrigo Neto e Felipe Vieira, pela amizade e apoio nos momentos em que a ansiedade foi máxima.

A todos os meus colegas do UNIFAA e do CEES pela convivência durante estes anos.

Ao Reitor do UNIFAA, Professor José Rogério Neto, por sempre apoiar e incentivar o desenvolvimento docente na instituição.

A todos os mestres que contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional.

Aos professores que voluntariamente participaram desta pesquisa, pois vocês foram essenciais para sua realização.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito obrigada a todos!

“A felicidade é o sentido e o propósito da vida, o único objetivo e a finalidade da existência humana”.

(Aristóteles)

NORMALIZAÇÃO ADOTADA

Esta tese está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de *International Committee of Medical Journals Editors* (Vancouver).

Universidade de São Paulo. *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: parte IV (Vancouver) / Sistema Integrado de Bibliotecas da USP*; Vânia Martins Bueno de Oliveira Funaro, coordenadora; Maria Claudia Pestana; Maria Cristina Cavarette Dziabas; Eliana Maria Garcia; Maria Fatima dos Santos, Maria Marta Nascimento; Suely Campos Cardoso. 3a ed. ed. amp. mod. São Paulo: SIBI/USP. 2016. (Caderno de estudos).

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journals Indexed in Index Medicus*.

RESUMO

Motta CF. Análise dos fatores de influência na felicidade e satisfação com o ambiente educacional de professores universitários [tese]. São Paulo. Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina; 2023.

Introdução: Felicidade é sinônimo de bem-estar subjetivo e de satisfação com a vida. É um dos indicadores de qualidade de vida e pode ser definida como uma experiência de emoções positivas combinada a um senso mais profundo de sentido e propósito. A felicidade precede resultados exitosos na vida, incluindo trabalho gratificante, relacionamentos satisfatórios, saúde mental, saúde física e longevidade. O ambiente educacional impacta a percepção da qualidade de vida, assim, deve-se oferecer experiências que levem ao crescimento pessoal e profissional, e, ao mesmo tempo, apoiem a saúde social, física e mental. No âmbito educacional, a satisfação do professor tem influência no desempenho escolar. O professor, ao desempenhar seu papel de *role model*, pode impactar positivamente o bem-estar de seus alunos e o ambiente educacional como um todo. **Objetivo:** Analisar os fatores de influência na felicidade e na satisfação com o ambiente educacional de professores universitários. **Método:** Trata-se de um estudo exploratório e transversal, com abordagem quantitativa, realizada no período de junho a outubro de 2019 com os professores do Centro Universitário de Valença. Foram usados os seguintes instrumentos: Questionário sociodemográfico, Questionário de Satisfação docente com o ambiente educacional, Autoavaliação de Qualidade de vida geral e no trabalho, Item de Felicidade global, Escala de Felicidade Subjetiva, Questionário de Felicidade de Oxford e a Escala de Resiliência - RS14. **Resultados:** Do universo de 229 docentes, obtivemos uma taxa de resposta de 65,1% (n=149), 47,7% dos professores eram da geração X, 51,7% do sexo masculino, 67,1% casados, 51,7% moradores de Valença, 55,7% praticantes religiosos, 45,6% médicos, 69,8% titulação acadêmica stricto sensu e 49% mais de 10 anos de atuação na docência. O Questionário de Felicidade de Oxford mostrou correlação positiva com resiliência, qualidade de vida geral e no trabalho, e com a satisfação docente no ambiente educacional. Os professores da geração Baby Boomer apresentaram melhor percepção de felicidade, de qualidade de vida geral e no trabalho, além de maior satisfação com o ambiente educacional, com uma característica dose-efeito ($p < 0,05$). Os professores com mais tempo de atuação na docência apresentaram melhor percepção de felicidade, resiliência e satisfação no ambiente educacional ($p < 0,05$). A titulação acadêmica mostrou associação positiva com resiliência e orgulho no trabalho, com uma característica dose-efeito ($p < 0,05$). O grupo de professores com melhor percepção de felicidade apresentou diferença significativa em relação aos escores de resiliência e seus domínios, de qualidade de vida geral e no trabalho, e satisfação no ambiente educacional ($p < 0,001$). **Conclusão:** Maior satisfação no ambiente educacional está associada à melhor percepção de felicidade, resiliência e qualidade de vida. Os professores mais longevos e com maior tempo de docência apresentam melhor percepção de felicidade e estão mais satisfeitos com o ambiente educacional.

Palavras chaves: Felicidade. Satisfação no trabalho. Qualidade de vida. Professores universitários. Ambiente educacional. Ambiente de trabalho.

ABSTRACT

Motta CF. Analysis of influencing factors on happiness and satisfaction with the educational environment of university professors [thesis]. São Paulo. University of São Paulo, Faculty of Medicine; 2023.

Introduction: Happiness is synonymous of subjective well-being and satisfaction with life. It is one of the indicators of quality of life and can be defined as an experience of positive emotions combined with a deeper sense of meaning and purpose. Happiness precedes successful outcomes in life, including rewarding work, fulfilling relationships, mental health, physical health, and longevity. The educational environment impacts the perception of quality of life, so experiences that lead to personal and professional growth and, at the same time, support social, physical and mental health should be offered. In the educational field, teacher satisfaction has an influence on school performance. The teacher, by playing his/her role as a role model, can positively impact the well-being of his/her students and the educational environment as a whole.

Objective: To analyze the factors that influence happiness and satisfaction with the educational environment of university professors. **Method:** This is an exploratory and cross-sectional study, with a quantitative approach, carried out from June to October 2019 with professors from the Centro Universitário de Valença. The following instruments were used: Sociodemographic Questionnaire, Teacher Satisfaction Questionnaire with the educational environment, Self-Assessment of General and Work Quality of Life, Global Happiness Item, Subjective Happiness Scale, Oxford Happiness Questionnaire and the Resilience Scale - RS14. **Results:** Of the universe of 229 professors, we obtained a response rate of 65% (n=149), 47.7% of the professors were from generation X, 51.7% male, 67.1% married, 51.7 % residents of Valença, 55.7% religious practitioners, 45.6% physicians, 69.8% had a *stricto sensu* academic degree and 49% had more than 10 years of experience in teaching. The Oxford Happiness Questionnaire showed a positive correlation with resilience, general quality of life and at work, and with teacher satisfaction in the educational environment. Teachers from the Baby Boomer generation had a better perception of happiness, general quality of life and work, as well as greater satisfaction with the educational environment, with a dose-effect characteristic ($p < 0.05$). Teachers with more experience in teaching had a better perception of happiness, resilience and satisfaction in the educational environment ($p < 0.05$). Academic degrees showed a positive association with resilience and pride at work, with a dose-effect characteristic ($p < 0.05$). The group of teachers with a better perception of happiness showed a significant difference in relation to resilience scores and their domains, general and work quality of life, and satisfaction in the educational environment ($p < 0.001$). **Conclusion:** Greater satisfaction in the educational environment is associated with a better perception of happiness, resilience and quality of life. Teachers with more years of experience and with longer teaching experience have a better perception of happiness and are more satisfied with the educational environment.

Keywords: Happiness. Job satisfaction. Quality of life. University professors. Educational environment. Working environment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa do estado do Rio de Janeiro com suas regiões e municípios.	34
Figura 2 -	Registro fotográfico do Campus sede do Centro Universitário de Valença	35
Figura 3 -	Registro fotográfico do Hospital Escola Luiz Gioseffi Januzzi.....	36
Figura 4 -	Registro fotográfico da Maternidade Escola de Valença.....	36
Figura 5 -	Fluxograma de perdas do estudo.....	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Instrumentos usados no estudo	38
Quadro 2 - Questionário de Satisfação Docente no Ambiente Educacional.....	39
Quadro 3 - Escala de Felicidade Subjetiva.....	40
Quadro 4 - Análise sugerida por item do Questionário de Felicidade de Oxford.....	41
Quadro 5 - Itens distribuídos em fatores do Questionário de Felicidade de Oxford.....	42
Quadro 6 - Escala de Resiliência - RS14	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Caracterização da amostra	49
Tabela 2 -	Alfa de Cronbach do Questionário de Felicidade de Oxford, Escala de Felicidade Subjetiva, Escala de Resiliência e do Questionário de Satisfação Docente no Ambiente Educacional	50
Tabela 3 -	Análise da qualidade dos dados obtidos nos instrumentos utilizados no estudo	50
Tabela 4 -	Média dos escores obtidos nos instrumentos utilizados no estudo	52
Tabela 5 -	Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida entre as gerações.....	53
Tabela 6 -	Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional entre as gerações	53
Tabela 7 -	Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida entre sexo	55
Tabela 8 -	Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional entre sexo	55
Tabela 9 -	Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida em relação à composição do núcleo familiar – ter ou não relacionamento estável	56
Tabela 10 -	Análise comparativa da felicidade, resiliência, qualidade de vida em relação à composição do núcleo familiar – filhos.....	57
Tabela 11 -	Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional em relação à composição do núcleo familiar – filhos.....	57
Tabela 12 -	Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida em relação à prática religiosa.....	58
Tabela 13 -	Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional em relação à prática religiosa.....	59
Tabela 14 -	Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida em relação à formação profissional	60
Tabela 15 -	Análise da satisfação com o ambiente educacional por formação profissional.....	61
Tabela 16 -	Análise da felicidade, resiliência e qualidade de vida em relação a lecionar no curso de Medicina	62

Tabela 17 -	Análise da satisfação com o ambiente educacional em relação a lecionar no curso de Medicina	62
Tabela 18 -	Análise da felicidade, resiliência e qualidade de vida em docentes não médicos que lecionam no curso de Medicina	63
Tabela 19 -	Análise da satisfação com o ambiente educacional em relação aos docentes não médicos que lecionam no curso de Medicina	63
Tabela 20 -	Análise da felicidade, resiliência e qualidade de vida por titulação acadêmica.....	64
Tabela 21 -	Análise da satisfação com o ambiente educacional por titulação acadêmica.....	65
Tabela 22 -	Análise de felicidade, resiliência e qualidade de vida por tempo de atuação na docência.....	66
Tabela 23 -	Análise da satisfação com o ambiente educacional por tempo de atuação na docência.....	67
Tabela 24 -	Análise das categorias docentes no Questionário de Felicidade de Oxford por resiliência e seus domínios, qualidade de vida geral e no trabalho	68
Tabela 25 -	Distribuição dos docentes mais satisfeitos com o ambiente educacional de acordo com as categorias do Questionário de Felicidade de Oxford.....	69
Tabela 26 -	Correlação entre Questionário de Felicidade de Oxford e os outros instrumentos utilizados na pesquisa.....	70
Tabela 27 -	Correlação entre Questionário de Felicidade de Oxford e a Satisfação Docente com o ambiente educacional.....	70

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CESVA	Centro de Ensino Superior de Valença
CVSJA	Colégio Valenciano São José de Aplicação
DP	Desvio Padrão
DREEM	<i>Dundee Ready Education Enviroment</i>
EAD	Educação a Distância
FAA	Fundação Dom André Arcoverde
FMUSP	Faculdade de Medicina da USP
FS	Escala de Felicidade Subjetiva
HELGJ	Hospital Escola Luis Gioseffi Januzzi
HEV	Hospital Escola de Valença
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OHI	<i>Oxford Happiness Inventory</i> (Inventário de felicidade de Oxford)
OHQ	<i>Oxford Happiness Questionnaire</i> (Questionário de Felicidade de Oxford)
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
QV	Qualidade de Vida
RJ	Rio de Janeiro
RS14	Escala reduzida de Resiliência com 14 Itens
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
UNIFAA	Centro Universitário de Valença
USP	Universidade de São Paulo
Veras-Q	Questionário sobre a Vida do estudante e residente da área da Saúde
WHOQOL-bref	<i>World Health Organization Quality of Life – Bref</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	FELICIDADE SUBJETIVA	18
1.2	RESILIÊNCIA	22
1.3	O IMPACTO DA FORMAÇÃO MÉDICA NA QUALIDADE DE VIDA DOS DOCENTES E DISCENTES E SATISFAÇÃO COM O AMBIENTE EDUCACIONAL	24
1.4	PRÁTICA DOCENTE E EDUCAÇÃO DE ADULTOS	26
2	JUSTIFICATIVA	30
3	OBJETIVOS	32
3.1	OBJETIVO GERAL	32
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	32
4	MÉTODOS	34
4.1	CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA	34
4.2	INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS	37
4.3	ANÁLISE ESTATÍSTICA	43
5	RESULTADOS	47
5.1	DESCRIÇÃO GERAL DA POPULAÇÃO ESTUDADA	47
5.2	ANÁLISE DA CONFIABILIDADE E QUALIDADE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA	50
5.3	ANÁLISE DA FELICIDADE SUBJETIVA, RESILIÊNCIA E QUALIDADE DE VIDA.....	51
5.4	ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS GERAÇÕES	52
5.5	ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE SEXO	54
5.6	ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO AO NÚCLEO FAMILIAR (RELACIONAMENTO ESTÁVEL E FILHOS)	56
5.7	ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO À PRÁTICA RELIGIOSA	58
5.8	ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	59
5.9	ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO A LECIONAR NO CURSO DE MEDICINA.....	61
5.10	ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO À TITULAÇÃO ACADÊMICA	64
5.11	ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO AO TEMPO DE ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA	65

5.12	CATEGORIZAÇÃO DOS ESCORES DE RESPOSTA NO QUESTIONÁRIO DE FELICIDADE DE OXFORD (OHQ)	67
5.13	ANÁLISE DA CORRELAÇÃO ENTRE OS ESCORES DE FELICIDADE, RESILIÊNCIA E QUALIDADE DE VIDA GERAL E NO TRABALHO	69
6	DISCUSSÃO	72
7	CONCLUSÕES	81
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXOS	92
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	92
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	94
	ANEXO C – INSTRUMENTOS DE COLETA	98

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

1.1 FELICIDADE SUBJETIVA

Na Antiguidade, os filósofos acreditavam que o objetivo final dos homens era alcançar a felicidade. A felicidade nos tempos antigos era algo ligado às virtudes humanas, à prática do bem. Nas últimas décadas, a felicidade deixou de ser objeto de estudo apenas da Filosofia, passando a ser compartilhada por outras áreas, tais como a Sociologia, a Psicologia e a Medicina (Paludo e Koller, 2007; Tempiski, 2010; Omais, 2018).

Felicidade é sinônimo de bem-estar subjetivo e de satisfação com a vida. Segundo especialistas, uma medida confiável da felicidade é a percepção pessoal de forma que uma boa maneira de entender se a pessoa é feliz é perguntar para ela se é feliz. As escalas de item único oferecem mensurações rápidas e fáceis, e são sensíveis em captar a satisfação com a vida, entretanto, não fornecem uma avaliação completa do construto e, assim, devem ser acompanhadas de outras mensurações (Diener, 1984; Veenhoven, 1997; Diener, Oishi e Lucas, 2003; Diener et al., 2018; Wollmann e Mello, 2020).

Seguindo essa proposta de percepção pessoal, temos o Item de Felicidade global desenvolvido por Bradburn (1969), que consiste em uma única questão: "Considerando todas as coisas, quão feliz você está nos dias atuais?", numa escala Likert de sete pontos variando de "Não muito feliz" (correspondendo a 1) a "Muito feliz" (correspondendo a 7); e a Escala de *Cantril também* com uma única questão: "O quão satisfeito está com a sua vida hoje?", numa escala Likert de 0 a 10. Esta última é a ferramenta utilizada no Relatório Mundial de Felicidade da Organização das Nações Unidas (ONU) para avaliação da felicidade global de mais de 150 países. Este relatório é realizado anualmente, desde 2012, a partir de dados do Instituto Gallup (Passarelli-Carrazzoni e Silva, 2012; Helliwell et al., 2017).

Em uma visão mais holística, felicidade é um dos indicadores de qualidade de vida, juntamente com a saúde física e mental (Veenhoven, 1997; Ferraz et al., 2007). Qualidade de vida é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais vive em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (WHOQOL Group, 1994).

Para a Filosofia clássica, existem dois tipos de felicidade: hedônica e eudaimônica. A felicidade hedônica é entendida como a busca do prazer imediato e a redução das emoções negativas, enquanto a felicidade eudaimônica corresponde à felicidade mais duradoura, que se relaciona a uma vida mais plena e significativa (Seligman, 2004; Omais, 2018).

A Psicologia Positiva alinha-se com a ideia de felicidade eudaimônica, e investiga os fatores e as bases que promovem o bem-estar e a felicidade, tendo como premissa três pilares: emoções positivas, traços positivos e instituições positivas. As emoções positivas são sentimentos momentâneos, tais como contentamento, alegria, prazer, satisfação, orgulho, serenidade, esperança e euforia. Os traços positivos são as forças e as virtudes pessoais, características que se repetem em ocasiões e situações diferentes e que levam aos bons sentimentos e à gratificação, tais como a coragem, otimismo, perspectiva, integridade, igualdade, lealdade, generosidade, gratidão e humanidade. As forças de caráter são a base para as virtudes. As instituições positivas consistem em uma família sólida, uma religião, um círculo moral, democracia e liberdade. As instituições positivas direcionam o caminho para consolidar as forças e virtudes (Seligman, 2004).

Segundo especialistas, para alcançar a felicidade duradoura é necessário o entrelaçamento de três vertentes: emoções positivas (prazer), sentido na vida (propósito) e satisfação com a vida (orgulho). A felicidade do prazer é a felicidade do afeto positivo e menos sentimentos negativos como dor, raiva ou preocupação. A felicidade do propósito consiste em viver uma vida com sentido, e vivenciar valor e paixão em prol de algo maior. A felicidade do orgulho consiste no grau de satisfação em relação às próprias realizações e atitudes na vida. As pessoas mais felizes conseguem perceber e valorar estas três vertentes na vida (Achor, 2012; Buettner, 2017).

Dan Buettner, escritor e repórter da *National Geographic*, em sua pesquisa, identificou cinco áreas no mundo, denominando-as de “*Blue zones*” (zonas azuis), como os locais onde as pessoas não somente vivem por mais tempo, mas também envelhecem sem doenças. Seu estudo delineou as características comuns a essas pessoas e verificou que elas eram mais ativas por natureza, tinham senso de propósito, se alimentavam de maneira sensata, eram mais conectadas com os familiares e amigos, eram mais longevas e expressavam maior felicidade. A partir desses dados, Buettner aprofundou a pesquisa sobre as “*Blue Zones of Happiness*” e concluiu que, nos lugares mais felizes do mundo, era comum investir na família e nos amigos, viver perto da natureza, ter uma religião e praticá-la. Estas ações foram identificadas como efetivas e viáveis para a felicidade duradoura (Buettner, 2017).

O estudo de Harvard sobre o desenvolvimento adulto, durou mais de 75 anos, e monitorou 724 pessoas, divididas em dois grupos, um grupo de 268 homens caucasianos das classes de Harvard de 1939-1944 com cerca de 19 anos e 456 homens caucasianos dos bairros de Boston entre 11 e 16 anos. Esse estudo coletou informações sobre o trabalho, a vida doméstica e a saúde destas pessoas durante décadas. As análises de dados concluíram que, em

relação à felicidade, os homens idosos mais felizes e saudáveis, que continuaram no estudo, eram também os mais próximos e conectados às suas famílias, tinham amigos e viviam em comunidade, e que a qualidade dos seus relacionamentos tinha maior efeito na felicidade do que a quantidade de relacionamentos (Waldinger et al., 2018).

Todos esses estudos mostram que, apesar de aspectos comuns sobre o que faz uma pessoa feliz, a percepção de felicidade é subjetiva e individual, sendo influenciada por fatores como: personalidade (autoestima, otimismo, extroversão); características sociodemográficas (idade e sexo); fatores econômicos (renda, desemprego, educação e inflação); fatores contextuais e situacionais (condições de trabalho, relações interpessoais, casamento, percepções sobre condições materiais e de saúde) e fatores institucionais (participação política) (Veenhoven, 1997; Ribeiro, 2015).

Alguns destes fatores influenciam e podem aumentar a felicidade, tais como renda, idade e religião. No que compete à renda, sabe-se que uma maior renda está relacionada a uma maior percepção de felicidade até certo ponto, pois, quando as necessidades básicas (moradia, saúde, alimentação e educação) são atendidas, uma renda adicional pouco contribui para a satisfação com a vida. Em relação à idade, os idosos são mais felizes do que os mais jovens. A média de satisfação com a vida aumenta ligeiramente após os 50 anos e não varia muito entre os sexos. Em relação à religião, os religiosos são mais felizes, pois a sua fé atribui sentido e significado à vida (Seligman, 2004; Andrews, 2011).

Altos níveis de emoções positivas relacionam-se proporcionalmente com as características genéticas da personalidade em 50%, com as circunstâncias relevantes da vida em 10% e com atividades intencionais realizadas para aumentá-las em 40%, mas podem ser influenciados por estes aspectos em conjunto. Pessoas que experimentam uma preponderância de emoções positivas a maior parte do tempo tendem a ser mais bem-sucedidas e realizadas em vários domínios da vida, como casamento, trabalho e saúde. Além disso, elas demonstram melhor desempenho, maior produtividade e menor desgaste no trabalho (Lyubormiski, King e Diener, 2005; Achor, 2012; Buettner, 2017).

Quando as pessoas experimentam eventos positivos na vida, geralmente, os compartilham com as outras pessoas. Este compartilhamento tem sido associado ao aumento da intensidade da emoção positiva e à manutenção da felicidade (Hovasapian e Levine, 2018; Short et al., 2020).

Tanto o bem-estar em longo prazo quanto as emoções positivas momentâneas estão associados a uma gama de características: interpretações positivas de si mesmo e dos outros, maior sociabilidade, comportamento saudável, criatividade, melhor adaptação às situações

estressantes e maior capacidade em resolver os conflitos. Estes atributos promovem maior engajamento e facilitam o sucesso na vida, incluindo trabalho gratificante, relacionamentos satisfatórios, saúde mental, saúde física e longevidade (Seligman, 2004; Lyubormiski, King e Diener, 2005; Achor 2012).

A pesquisa de Datu (2017) com estudantes do ensino médio nas Filipinas concluiu que a felicidade subjetiva está associada positivamente com o engajamento acadêmico, desenvolvimento pessoal e com maior resiliência no ambiente educacional. A medida em que os alunos percebem que estão vivendo uma vida feliz, eles têm uma participação mais ativa (engajamento acadêmico) e mais emoções positivas (motivação e orgulho) ao participar das atividades em sala de aula.

Um aspecto bem conhecido da felicidade na vida profissional é o estado de “*flow*”, experiência ótima, que é a sensação de sentir-se completo e tão envolvido no trabalho que nada mais parece importar. O “*flow*” acontece quando as habilidades pessoais são adequadas para lidar com os desafios apresentados. Estas habilidades, além de serem delimitadas por metas claras e concentração na tarefa, estão diretamente ligadas às forças e às virtudes pessoais. Pessoas que aprendem a desfrutar de seu trabalho e ampliar seu momento em “*flow*” tendem a viver uma vida com mais sentido, propósito e qualidade de vida (Seligman, 2004; Csikszentmihalyi, 2020).

Podemos aplicar a Psicologia Positiva às instituições educacionais, Educação Positiva ou Educação para a Felicidade, ensinando habilidades para o bem-estar junto às habilidades para a qualificação e desenvolvimento profissional. A Educação Positiva tem como objetivo, além do desempenho acadêmico, o crescimento pessoal, formando indivíduos mais realizados pessoalmente, mais engajados e mais responsáveis socialmente (Cintra e Guerra, 2017).

Há uma vasta gama de instrumentos que avaliam a percepção de felicidade e a satisfação com a vida. Foram selecionados para este estudo o Questionário de Felicidade de Oxford (OHQ) desenvolvido por Hills e Argyle (2002) e a Escala de Felicidade Subjetiva (FS) de Lyubomirsky e Lepper (1999), além do item de Felicidade global de Bradburn (1969), que consiste numa autoavaliação.

O Questionário de Felicidade de Oxford é originado do Inventário de Felicidade de Oxford (OHI) e consiste em um instrumento para medida da felicidade individual, com 29 itens respondidos em escala do tipo Likert de 1 a 6. A validade do OHQ é satisfatória e tem associação mais forte com bem-estar do que o OHI. Tanto o OHI quanto o OHQ demonstram confiabilidade alta com valores de $\alpha = 0,92$ e $\alpha = 0,91$, respectivamente. As correlações entre itens para o OHI e os valores correspondentes para o OHQ têm resultados praticamente

idênticos, mostrando que os itens de múltipla escolha do OHI podem ser substituídos por itens de escolha única do OHQ sem prejuízos (Hills e Argyle, 2002; Santos et al., 2019).

A Escala de Felicidade Subjetiva de quatro itens foi derivada de uma escala original de treze itens. Estes itens foram aplicados a estudantes universitários num estudo-piloto. Dos itens originais, seis foram descartados por similaridade semântica e três foram descartados porque não correspondiam a nenhum fator interpretável na análise dos componentes principais realizados nos itens. Assim, restaram quatro itens dos quais dois caracterizam a si próprios por comparação com os seus pares e os outros dois consistem em descrições de felicidade e infelicidade. Um único escore global para felicidade subjetiva é calculado pela média das respostas aos quatro itens. O quarto item tem codificação reversa (Lyubomirsky e Lepper (1999).

1.2 RESILIÊNCIA

O termo Resiliência se origina da Física, e determina a quantidade máxima de energia que um dado material pode absorver ao ser submetido a um determinado impacto, deformando-se sem romper e, posteriormente, voltando à sua forma primitiva (Brandão et al., 2011).

Para a Psicologia, o termo resiliência define a capacidade do indivíduo, ou da família, de enfrentar as adversidades, ser transformado por elas, e conseguir superá-las sem desenvolver doença física, mental e social (Pinheiro, 2004; Tempiski, 2012; Cosco et al., 2016).

Resiliência é a capacidade humana de enfrentar uma situação adversa com transformação e crescimento pessoal, que impacta na qualidade de vida e na saúde mental do indivíduo. A forma como este irá reagir aos agentes estressores dependerá de sua personalidade, do seu perfil socioeconômico, cultural e dos seus relacionamentos familiares (Tempiski et al., 2015).

Rutter (1987) descreveu resiliência, inicialmente, como o polo positivo das diferenças individuais em resposta ao estresse e às adversidades, o que envolve uma variedade de mecanismos de resposta frente a uma dada situação de estresse.

O estudo longitudinal de Kauai (ilha do Havaí) acompanhou o desenvolvimento humano de 698 crianças nascidas em 1955 até a idade adulta, explorando o impacto dos fatores de risco biológico e psicossocial, presença de eventos estressantes na vida e fatores de proteção. Aproximadamente, 30% desta amostra nasceu e cresceu na pobreza, viveu em famílias disfuncionais e/ou foi criada por mães com baixa escolaridade. Cerca de um terço dos participantes tornou-se um adulto competente, confiante e atencioso, e não desenvolveu

problemas de comportamento ou aprendizagem durante a infância ou adolescência. Essas pessoas aos 40 anos tiveram as menores taxas de divórcio, problemas de saúde e mortalidade. Nesse grupo reconhecido como mais resiliente, foram identificados fatores de proteção individuais, familiares e comunitários. Entre os fatores de proteção mais potentes, estavam a educação continuada em faculdades comunitárias e escolas de ensino médio para adultos, habilidades educacionais e vocacionais adquiridas durante o serviço nas forças armadas, casamento com parceiro estável, conversão a uma religião que exigia participação ativa, recuperação de uma doença ou acidente com risco de vida e, em grau muito menor, a psicoterapia (Werner, 2005).

Em outro estudo, da mesma autora, com crianças sobreviventes da guerra, mostrou-se que elas apresentavam efeitos adversos, tais como o transtorno do estresse pós-traumático, depressão e transtornos da ansiedade, mas a maioria não apresentava incapacidade psicológica ou resultados psicossociais ruins na vida adulta, pois o impacto das dificuldades vividas era inferior ao efeito dos fatores de proteção individuais, familiares e comunitários (Werner, 2012). Esses dois estudos demonstram que a resiliência é uma característica individual que modera os efeitos negativos do estresse e promove adaptação positiva (Wagnild e Young, 1993).

O estudo sobre a resiliência, percepção do ambiente de ensino e qualidade de vida realizado com estudantes de Medicina brasileiros demonstrou que os estudantes com maiores níveis de resiliência tinham uma melhor percepção da qualidade de vida e do ambiente de ensino (Tempski et al., 2015; Enns, 2016). Estudantes resilientes lidam melhor com o estresse e possuem uma rede de apoio mais efetiva, tendo melhor percepção do ambiente educacional e maior chance de sucesso no curso de Medicina (Tempski, Martins e Paro, 2012).

Assim como, para medir a felicidade e a qualidade de vida, há uma série de escalas, para a mensuração da resiliência, também existe. A escala de Resiliência desenvolvida por Wagnild & Young é uma das mais utilizadas, sendo utilizada para medir níveis de adaptação psicossocial positiva em face a eventos importantes de vida. Essa escala possui 25 itens positivos com resposta tipo Likert variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os escores da escala oscilam de 25 a 175 pontos, com valores altos indicando elevada resiliência. Avalia cinco domínios: serenidade, perseverança, autoconfiança, sentido de vida e autossuficiência. Em 2009, foi desenvolvida por Wagnild uma escala reduzida de Resiliência com 14 itens, derivada da escala de Resiliência original, chamada RS14. A escala de Resiliência original e a RS14 estão fortemente correlacionadas ($r = 0,97$, $p > 0,001$). Os cinco domínios essenciais que constituem a Resiliência estão representados na RS14. Instrumentos mais curtos quando disponíveis, geralmente, são preferidos a fim de reduzir a sobrecarga do participante e aumentar

a taxa de resposta (Wagnild e Young, 1993; Pesce, 2005; Wagnild 2009; 2010; Damásio, Borsa e Silva, 2011).

1.3 O IMPACTO DA FORMAÇÃO MÉDICA NA QUALIDADE DE VIDA DOS DOCENTES E DISCENTES E SATISFAÇÃO COM O AMBIENTE EDUCACIONAL

O início da vida universitária pode representar a concretização de um sonho, a recompensa de um esforço e o início de uma nova fase da vida. Em contraste a este momento de concretização de sonhos, o curso de Medicina possui vários fatores estressantes. Na fase inicial, os fatores estressantes se devem à necessidade de adaptação, à mudança no estilo de vida e ao método de estudo. Já na fase intermediária, se devem ao conteúdo extenso e múltiplo para estudar e, nos últimos anos, se devem às muitas demandas, exigências, responsabilidades e inseguranças que caracterizam o final do curso. Este ambiente educacional está, frequentemente, associado ao desenvolvimento de quadros ansiosos nos estudantes (Milan, 1999; Bellodi, 2005; Baldassin, 2006; Tempski et al., 2012).

Muitos fatores no curso de Medicina aumentam ou diminuem a qualidade de vida do estudante. Dentre os fatores que aumentam a qualidade de vida, se destacam bons professores, aulas didáticas e avaliações bem-preparadas, participação em eventos sociais e de iniciação científica. Dentre os fatores que diminuem, estão professores e coordenadores ruins, aulas sem abordagem didática, pressão ou abuso moral por colegas e professores, competitividade e a falta de tempo (Tempski et al., 2012). Outro fator que diminui a qualidade de vida dos discentes é o comportamento não profissional de alguns residentes e de alguns preceptores (Tempski et al., 2012).

A qualidade de vida é um construto multidimensional, que inclui a felicidade e satisfação com a vida, hábitos saudáveis, sociais, relações afetivas e liberdade. Nesse sentido, os instrumentos que se propõem a avaliar a qualidade de vida buscam cobrir todas essas dimensões (Tempski et al., 2012; 2015).

Idealmente, os instrumentos para mensuração da qualidade de vida devem conter indicadores sociodemográficos, bem-estar psicológico, saúde física e mental, suporte social, finanças e atividades cotidianas. A OMS, buscando avaliar a qualidade de vida em uma perspectiva internacional, desenvolveu, num projeto multicêntrico, um instrumento de avaliação, o *World Health Organization Quality of life - 100* (WHOQol-100) e o seu resumo WHOQol-bref. O WHOQol-bref é derivado do WHOQol-100 e possui 26 itens que

compreendem quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e ambientais. No entanto, não definiu um padrão mínimo de qualidade de vida, assumindo que os estudos analisem estes parâmetros por comparação. Ter uma avaliação internacional possibilita a realização de pesquisas de qualidade de vida de forma colaborativa, sendo possível identificar características individuais, sociais ou culturais para uma melhor qualidade de vida (WHOQol Group, 1994, 1995; Fielder, 2008; Tempiski, 2018).

Como o instrumento WHOQol-bref não é específico da população de estudantes de Medicina, pesquisadores da Faculdade de Medicina da USP, num estudo multicêntrico que envolveu 22 escolas de Medicina no Brasil, distribuídas geograficamente por todo o país, desenvolveram, em 2009, o Veras-Q, um instrumento que avalia, especificamente, a qualidade de vida do estudante de Medicina e do residente (Tempiski et al., 2012).

O ambiente educacional consiste em tudo que é vivenciado pelo aluno e não somente o currículo formal da graduação, envolve a percepção dos discentes sobre a infraestrutura do campus, sobre as oportunidades de aprendizagem, sobre as habilidades e atitudes dos docentes, e sobre as relações sociais. A qualidade de vida do estudante sofre influência do seu ambiente educacional (Harden e Laidlaw, 2017; Sarwar e Tarique, 2016; Tomás et al., 2017).

Enns et al. (2016), em sua pesquisa, demonstraram associação positiva entre a percepção da qualidade de vida e o ambiente educacional. Essa associação teve efeito dose-resposta independente de idade, sexo ou ano do curso. Demonstraram, também, que o ambiente educacional interferiu na percepção dos alunos sobre a sua qualidade de vida.

Além da associação com a qualidade de vida, existe correlação entre o ambiente educacional e a realização, a satisfação e o sucesso dos alunos. Pesquisadores verificaram que a percepção tanto dos alunos quanto dos professores sobre o ambiente educacional era mais positiva do que negativa, e que os professores mostraram uma melhor percepção deste ambiente comparados aos alunos (Genn, 2001a; 2001b; Enns, 2014; Okoye, Ezisi e Ezeque; Tomás et al., 2017).

Yoo e Kim (2019) avaliaram a relação entre a percepção do ambiente educacional e a felicidade subjetiva, e verificaram que a percepção do ambiente educacional foi mais positiva no período de estágio (internato), mas a felicidade não foi diferente entre os anos do curso, apesar de mostrar associação positiva com a autopercepção social, corroborando com a necessidade de se promover não apenas o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, mas, também, fortalecer as relações sociais no ambiente educacional.

Um dos instrumentos mais utilizados nas instituições acadêmicas de Saúde para avaliação da percepção sobre o ambiente educacional é o Questionário DREEM (*Dundee Ready*

Education Enviroment), o qual identifica os pontos fortes e fracos do ambiente educacional. Possui cinco domínios: aprendizado, professores, desempenho acadêmico, atmosfera e relações sociais. O DREEM foi desenvolvido para ser aplicado aos discentes, mas pode ser aplicado também aos docentes, encontra-se traduzido e validado para a Língua Portuguesa do Brasil por Roff et al.,1997 (Roff et al., 1997; Enns, 2014; Tomás et al., 2017).

No âmbito educacional, a satisfação do professor é considerada um dos determinantes do desempenho escolar. A satisfação no trabalho representa um estado emocional positivo resultante da avaliação do próprio trabalho ou de sua experiência profissional. É um conceito global composto por fatores intrínsecos (desenvolvimento profissional e autorrealização) e fatores extrínsecos (segurança no trabalho e aspectos sociais). O desenvolvimento profissional é um preditor estatisticamente significativo de ambos os tipos de satisfação. Assim, podemos verificar que investir na capacitação docente é uma forma de aumentar a satisfação no trabalho e, por sua vez, promover o bem-estar no ambiente educacional (Bogler e Nir, 2012; Ramos et al., 2016).

A satisfação do docente com a vida influencia sua satisfação com o trabalho e relaciona-se diretamente com o seu desempenho, estimula o entusiasmo, o comprometimento e uma maior dedicação no processo de ensino e aprendizagem (Lent e Brown, 2008; Ramos et al., 2016).

1.4 PRÁTICA DOCENTE E EDUCAÇÃO DE ADULTOS

O processo educacional tem três elementos fundamentais: o currículo, o aluno e o professor. Bons professores demonstram competência técnica, entusiasmo e paixão pelo ensino. São comprometidos, avaliam e aprimoram sua prática constantemente (Harden e Laidlaw, 2017; Harden e Lilley, 2018).

A formação médica no século XXI exige do professor uma nova postura na docência e, conseqüentemente, uma nova relação com o conhecimento, uma vez que o acesso ao conhecimento é maior e mais rápido do que anteriormente, cabe ao professor não mais somente o papel de transmissor de informações. São oito as competências gerais do professor: Provedor de informações, Planejador curricular, Facilitador e Mentor, Avaliador, Modelo (*role model*), Profissional (que atua com profissionalismo), Gestor e Líder, e Pesquisador (Harden e Lilley,2018; Tempski, 2019).

A docência na formação de profissionais de Saúde é entendida como ciência, que exige a busca das melhores evidências e profissionalização do fazer docente, em um processo

contínuo que se articula em torno de maturidade, competência e resiliência (Sousa e Guerreiro, 2014).

O Desenvolvimento docente refere-se às atividades organizadas para que profissionais da Saúde aprimorem seus conhecimentos, suas habilidades e suas atitudes como professores e educadores, como líderes e gestores, e como pesquisadores e inovadores. O desenvolvimento docente visa aumentar a efetividade do ensino em Medicina visto que aumenta a confiança do docente no seu papel como professor e sua satisfação com o trabalho (Steinert et al., 2006, 2016; Harden e Lilley, 2018; Tempiski, Arantes e Martins, 2019).

A educação de adultos acontece de acordo com diferentes modelos teóricos. São eles:

- **Modelo Tradicional:** o professor transmite o conhecimento para o aluno, que é um receptáculo de informações. Tem foco na memorização e na verificação da assimilação. Este modelo promove pouca autonomia para o estudante e estabelece uma relação hierárquica clássica entre quem ensina e quem aprende;
- **Modelo Comportamentalista ou Behaviorista:** a aprendizagem é um comportamento observável, determinado pelo ambiente no qual o aluno está inserido. O aluno seria um produto do meio, sendo, constantemente, influenciado pelos pares e professores;
- **Modelo Humanista:** promove o desenvolvimento geral do indivíduo a partir das reflexões acerca do que é experimentado. Os objetivos educacionais e conteúdos emergem das experiências do aluno. O foco deste modelo é o desenvolvimento humano e a autonomia daquele que aprende, tendo o professor a função de facilitador. O novo aprendizado é resultado das escolhas individuais dos alunos e projetos compartilhados;
- **Modelos Interacionistas:** Cognitivista-Construtivista e Socioconstrutivista ou da Aprendizagem Social. O aprendizado no modelo cognitivista resulta da interação cognitiva de um novo conhecimento com um conhecimento prévio, é produto da interação entre o sujeito e o objeto, em um processo ativo e não somente receptivo. Este processo de Interação e ressignificação foi denominado por David Ausubel (1908-2008) de Aprendizagem Significativa. Já no modelo de Aprendizagem Social é concebida uma relação social entre aquele que aprende, aquele que ensina e o objeto de aprendizado escolhido por eles, retirado da realidade que ambos compartilham, com ênfase no aluno como ser histórico com experiências prévias em dada realidade. É um processo dialético e dialógico, histórico, político, cultural, ético e estético;

sendo seus grandes teóricos Paulo Freire (1921-1997) e Vygotsky (1896-1934). O aprendizado nesse modelo se baseia na transformação de uma consciência ingênua numa consciência crítica capaz de transformação (Ausubel,1968; Vygotsky,1998a; 1998b; 2011; Freire, 2008; Tempski e Martins, 2020).

A aprendizagem de adultos se fundamenta na relação educador-educando, e no processo de reflexão e ação sobre a realidade. Os adultos querem saber por que precisam aprender determinadas coisas e eles aprendem quando reconhecem a necessidade de aprender. A aprendizagem se potencializa quando as atividades se baseiam em situações reais; as experiências relevantes de cada pessoa servem de referência para novas aprendizagens, necessitando de devolutiva qualificada e constante (Knowles, 1990; Tempski et al., 2022).

Independentemente do modelo escolhido para orientar o processo educacional, os estudantes assimilam comportamentos dos seus preceptores e professores, que atuam como modelos. Daí a importância do conceito de *role model*, uma pessoa que, devido a sua competência técnica, ética e valores humanísticos, inspira os estudantes a se desenvolverem como pessoas e como profissionais (Merton,1994; Harden e Lilley, 2018; Tempski e Martins, 2020).

Ria Jochensen-Van Der Leeuw et al. (2015) desenvolveram e testaram uma ferramenta para avaliar o comportamento de um educador como *role model* corroborando com o conceito de *role model* de Robert Merton (1994). Afirmam que ser um bom modelo consiste na combinação de características pessoais (*Heart*), profissionalismo (*Hands-on*) e conhecimento técnico (*Head*). Ser um modelo, ao contrário de ser um professor ou um mentor, implica em integrar essas características o tempo todo e em todo lugar.

De acordo com Lavy e Bocker (2018), os professores que percebem mais sentido no seu trabalho e que possuem sentimentos mais positivos, possuem melhor relacionamento com os alunos, o que contribui para uma maior satisfação do professor no ambiente educacional.

O professor, ao assumir o seu papel de modelo, pode impactar positivamente na satisfação com a vida e como ambiente educacional de seus alunos. Analisar os fatores que influenciam a felicidade pode desempenhar um papel importante no planejamento de medidas para potencializá-la no ambiente acadêmico e minimizar os fatores estressores inerentes ao curso de Medicina.

2 JUSTIFICATIVA

2 JUSTIFICATIVA

Felicidade e a Resiliência estão relacionadas com a satisfação na vida e na formação na Saúde, também com uma melhor percepção do ambiente educacional e qualidade de vida.

Este estudo se justifica pelo interesse e pela necessidade de que se identifiquem os fatores associados a uma melhor percepção de felicidade e qualidade de vida, e maiores escores de resiliência dos docentes universitários. Dado que são modelos para seus alunos e que a sua satisfação pode, em alguns contextos, contribuir para a efetividade do ensino.

A literatura nos oferece muitos estudos acerca da qualidade de vida do estudante e das vicissitudes da formação médica. No entanto, estudos com foco na qualidade de vida, felicidade subjetiva e resiliência dos docentes são escassos. Além disto, as pesquisas da influência dos docentes como modelo se preocupam mais com a aquisição da identidade profissional e menos com os aspectos da sua influência sobre o autocuidado, gestão do tempo, percepção de felicidade e propósito. Neste sentido, o presente estudo tentará responder a esta demanda.

Nossa hipótese é que professores com maior percepção de felicidade subjetiva e mais resilientes percebem melhor sua qualidade de vida e seu ambiente educacional. Os docentes, ao compartilharem emoções positivas, tais como felicidade e bons relacionamentos interpessoais, conseguiriam contagiar seus alunos positivamente, influenciando sua percepção de qualidade de vida e do ambiente educacional, conseqüentemente, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem.

3 OBJETIVOS

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os fatores de influência na felicidade e na satisfação no ambiente educacional de professores universitários.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1.** Analisar a percepção de felicidade subjetiva dos professores por meio da Escala de Felicidade Subjetiva (FS), do Questionário de Felicidade de Oxford (OHQ) e do Item de Felicidade global;
- 2.** Avaliar os escores de resiliência e de seus domínios dos professores por meio da Escala de Resiliência (RS14);
- 3.** Caracterizar a qualidade de vida dos professores pela Autoavaliação da Qualidade de Vida geral e no trabalho;
- 4.** Identificar a percepção do ambiente educacional dos professores por meio do Questionário de Satisfação docente no ambiente educacional;
- 5.** Analisar os escores de felicidade subjetiva, resiliência, qualidade de vida e satisfação com o ambiente educacional de acordo com as variáveis sexo, idade (geração), renda financeira, núcleo familiar (presença de filhos e conjugue), prática religiosa, tempo de atuação na docência e titulação acadêmica;
- 6.** Verificar se há associação entre felicidade subjetiva, resiliência e qualidade de vida;
- 7.** Verificar se há associação entre felicidade subjetiva e satisfação com o ambiente educacional.

4 MÉTODOS

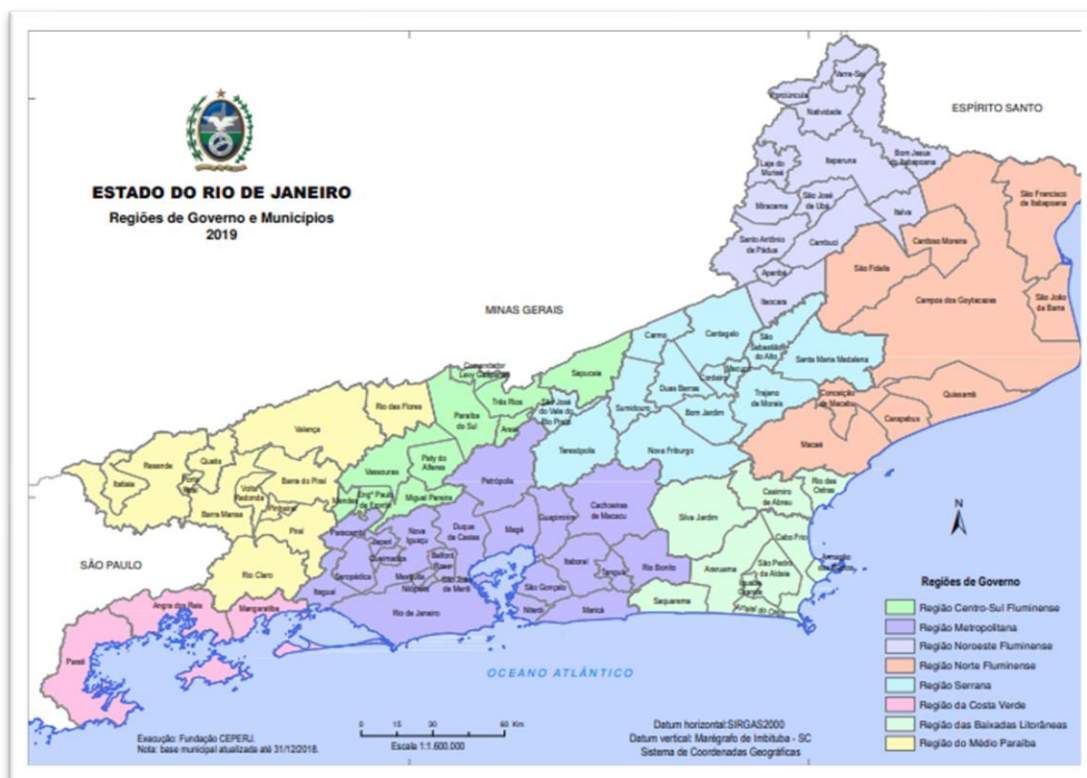
4 MÉTODOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética e pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) e do Centro Universitário de Valença (UNIFAA) sob Parecer Consubstanciado número 2.979.729 e número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 97965218.8.0000.0065 (Anexo A).

4.1 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA

Esse estudo foi realizado no Centro Universitário na cidade de Valença, na região do Médio Paraíba no Estado do Rio de Janeiro (RJ). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Valença possui uma área territorial estimada em 1.300,767km² (2021), com uma população estimada de 77.202 pessoas (2021) e densidade demográfica de, aproximadamente, 55,06 hab./km² (2010) (Figura 1). Valença possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0.738 (2010) , o que caracteriza como um índice alto.

Figura 1 - Mapa do estado do Rio de Janeiro com suas regiões e municípios.



Fonte: <http://arquivos.proderj.rj.gov.br>

A Fundação Dom André Arcoverde (FAA) foi criada em 1966 na cidade de Valença. O nome da instituição é uma homenagem a um dos maiores educadores da cidade, o bispo diocesano Dom André Arcoverde (1925 a 1936). Com, aproximadamente, 57 anos de história, a FAA tornou-se Pessoa Jurídica de Direito Privado, sendo enquadrada como uma entidade educativa de natureza filantrópica. No ano de 1985, foi criado o Centro de Ensino Superior de Valença (CESVA), órgão da FAA, que reunia todos os cursos e todas as atividades acadêmicas da instituição. Em 2019, o CESVA tornou-se o Centro Universitário de Valença.

A FAA é mantenedora de três importantes instituições valencianas:

- O Centro Universitário de Valença (UNIFAA), que é composto pelo Campus Sede (Figura 2) e pelo Campus Saúde;
- O Hospital Escola Luiz Gioseffi Januzzi (HELGJ), que é um complexo hospitalar composto pelo Hospital Escola de Valença (HEV) e pela Maternidade Escola de Valença (Figuras 3 e 4); e
- O Colégio Valenciano São José de Aplicação (CVSJA), atualmente Colégio Arcoverde.

Figura 2 – Registro fotográfico do Campus sede do Centro Universitário de Valença



Fonte: <https://www.local.jor.br>

Figura 3 – Registro fotográfico do Hospital Escola Luiz Gioseffi Januzzi



Fonte: <https://www.unifaa.edu.br/hev/complexo-hospitalar>

Figura 4 – Registro fotográfico da Maternidade Escola de Valença



Fonte: <https://www.unifaa.edu.br/hev/complexo-hospitalar>

O UNIFAA possui, atualmente, nove cursos de graduação na modalidade presencial, oito cursos na modalidade semipresencial e 27 cursos na modalidade à distância (EAD), além de mais de 50 cursos de Pós-graduação e MBA.

Nesse estudo, foram convidados para participar de forma voluntária os docentes dos cursos de graduação presencial do UNIFAA. Os cursos participantes foram Medicina, Odontologia, Enfermagem, Psicologia, Medicina Veterinária, Educação Física, Pedagogia, Administração, Direito e Gestão de Recursos Humanos.

O critério de inclusão foi ser docente efetivado de um dos cursos do Centro Universitário do UNIFAA. O critério de exclusão foi ser docente em processo de efetivação ou professor convidado.

4.2 INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS

A coleta dos dados ocorreu no período de junho a outubro de 2019, evitando-se os períodos de férias e imediatamente subsequentes. Não houve influência do ensino remoto, do isolamento social, e das inseguranças e incertezas do período de Pandemia da covid-19, visto que ocorreu antes de sua instalação.

O convite foi feito pela pesquisadora principal por meio do *e-mail*, pessoal e/ou institucional, não havendo ganho ao participar e, da mesma forma, não incorrendo em prejuízo a não participação. Os dados foram coletados por meio do Google formulário e/ou questionário impresso, após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Foi garantido anonimato aos respondentes e a possibilidade de se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Foram utilizados oito questionários totalizando 83 itens (Quadro 1 e Anexo C). Os questionários usados foram: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Satisfação Docente no Ambiente Educacional, Autoavaliação de Qualidade de Vida Geral, Autoavaliação de Qualidade de Vida no Trabalho, Item de Felicidade Global, Escala de Felicidade Subjetiva, Questionário de Felicidade de Oxford e a Escala de Resiliência – RS14. De acordo com a aplicação piloto do estudo, o tempo médio para resposta do conjunto de questionários proposto foi de, aproximadamente, 15 minutos.

Quadro 1 - Instrumentos usados no estudo

Variáveis	Instrumento	Validação Brasil	Itens	Características
Dados gerais	Questionário Sociodemográfico	-	17	Data de nascimento, sexo, estado civil, núcleo familiar, religião e prática religiosa, cidade de domicílio, meio de transporte para o trabalho, tempo gasto até o trabalho, formação profissional, titulação acadêmica, cursos em que leciona, carga horária semanal na instituição e fora da instituição, tempo de atuação na docência e renda financeira bruta
Ambiente educacional	Questionário de satisfação docente com o ambiente educacional	-	16	Composto por 16 itens a respeito da satisfação do docente em seu ambiente educacional, com resposta em escala Likert de 5 pontos, sendo 1 = nunca; 2 = quase nunca; 3 = às vezes; 4 = quase sempre e 5 = sempre. Desenvolvido pelos pesquisadores envolvidos na pesquisa.
Qualidade de vida geral	Autoavaliação da qualidade de vida geral	-	1	Item único de 1 a 10.
Qualidade de vida no trabalho	Autoavaliação de qualidade de vida no trabalho	-	1	Item único de 1 a 10.
Felicidade subjetiva	Item de felicidade global (Autoavaliação)	-	1	Item único de 1 a 7. Desenvolvido por Bradburn (1969).
Felicidade subjetiva	Escala de felicidade subjetiva	Damásio, Zanon e Koller, 2014.	4	Escala composta por 4 itens. Os quatro itens com resposta em escala Likert de 7 pontos. Desenvolvida por Lyubomirsky e Lepper (1999).
Felicidade subjetiva	Questionário de Felicidade de Oxford (OHQ)	Rodrigues e Silva, 2007.	29	Desenvolvido por Hills e Argyle (2002), composto por 29 questões a serem respondidas em escala Likert de 6 pontos, sendo 1 o menor grau de felicidade possível e 6 o maior. Sendo 1 = discordo completamente; 2 = discordo moderadamente; 3 = discordo minimamente 4 = concordo minimamente; 5 = concordo moderadamente e 6 = concordo completamente.
Resiliência total e domínios	Escala de resiliência (RS14)	Pesce et al., 2005	14	Escala composta por 14 itens agrupados em 5 domínios: autoconfiança, serenidade, autossuficiência, perseverança e sentido na vida. Escala Likert de 7 pontos. As pontuações variam de 14 a 98, e os índices mais altos indicam maior resiliência. Desenvolvida por Wagnild (2009).
Total	8 questionários		83 itens	

Fonte: Produção da autora (2023)

- Questionário Sociodemográfico: Data de nascimento, sexo, estado civil, núcleo familiar (viver com cônjuge e presença de filhos), religião e prática religiosa, cidade de domicílio, meio de transporte para o trabalho, tempo gasto até o trabalho, formação profissional, titulação acadêmica, cursos em que leciona, carga horária semanal na instituição e fora da instituição, tempo de atuação na docência e renda financeira bruta;
- Questionário de Satisfação Docente no Ambiente Educacional: Foi desenvolvido especialmente para essa pesquisa pelos pesquisadores envolvidos no projeto. Trata-se de um questionário composto por 16 itens acerca da satisfação docente com o ambiente educacional. As respostas são apresentadas em escala do tipo Likert de cinco pontos, sendo 1 = nunca; 2 = quase nunca; 3 = às vezes; 4 = quase sempre e 5 = sempre (Quadro 2) com maiores escores indicando maior satisfação do ambiente educacional. O processo de validação desse instrumento fez parte do presente estudo.

Quadro 2 – Questionário de Satisfação Docente no Ambiente Educacional

1. Em que medida você riu nas últimas 24 horas?
2. Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?
3. Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?
4. Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?
5. Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?
6. Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?
7. Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?
8. Em que medida você percebe sentido na sua vida?
9. Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?
10. Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?
11. Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?
12. Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?
13. Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?
14. Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?
15. Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?
16. Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?

Fonte: Produção da autora (2023)

- Autoavaliação da Qualidade de Vida (QV) geral e no trabalho. Item único para avaliação da QV geral e da QV no trabalho para ser respondido numa escala tipo Likert de um a dez. “Dê uma nota para a sua qualidade de vida geral e dê uma nota para sua qualidade de vida no trabalho”; sendo um a menor nota e dez a maior nota;

- Item de Felicidade Global (Autoavaliação) desenvolvido por Bradburn (1969), que consiste em uma única questão: “Considerando todas as coisas, quão feliz você está atualmente?”. Ela deve ser respondida em uma escala tipo Likert de sete pontos, variando de “Não muito feliz” (correspondendo a 1) a “Muito feliz” (correspondendo a 7).
- Escala de Felicidade Subjetiva (FS) com quatro itens, derivada do original de 13 itens. Da escala original, seis itens foram descartados com base na alta semelhança semântica. Três outros itens foram descartados porque eles não possuíam um único fator interpretável numa análise dos componentes principais realizados nos itens, resultando numa escala com quatro itens no formato de resposta tipo Likert de sete pontos. Uma única pontuação subjetiva global é calculada pela média das respostas aos quatro itens. Assim, a possível faixa de pontuação nas escalas de felicidade subjetiva é de 1,0 a 7,0, com as pontuações mais elevadas refletindo uma maior felicidade. O item quatro consiste numa afirmação negativa e teve o valor invertido (Quadro 3). A pontuação total é obtida por meio da média das respostas nos quatro itens. Foi desenvolvida por Lyubomirsky e Lepper (1999) , e validada para versão brasileira por Damásio, Zanon e Koller, (2014). Nos Estados Unidos, a média para adultos é de 4,8. Dois terços das pessoas ficam entre 3,8 e 5,8 (Lyubomirsky e Lepper, 1999; Seligman, 2004; Ribeiro, 2012).

Quadro 3 – Escala de Felicidade Subjetiva

	Resposta	Valor invertido
1.Em geral, considero-me:	1 = uma pessoa que não é muito feliz, 7 = uma pessoa muito feliz;	Não
2. Comparativamente com as outras pessoas como eu, considero-me:	1 = menos feliz, 7 = mais feliz;	Não
3. Algumas pessoas são, geralmente, muito felizes. Elas gozam a vida apesar do que se passa à volta delas, conseguindo o melhor do que está disponível. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?	1 = de modo nenhum; 7 = em grande parte;	Não
4.Algumas pessoas, geralmente, não são muito felizes. Embora não estejam deprimidas, elas nunca parecem tão felizes quanto poderiam ser. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?	1 = de modo nenhum; 7 = em grande parte.	Sim

Fonte: Produção da autora (2023)

- Questionário de Felicidade de Oxford (OHQ) é um instrumento para medida do bem-estar subjetivo desenvolvido por Hills e Argyle (2002), composto por 29 questões a serem respondidas em escala Likert de seis pontos, sendo 1 o menor grau de felicidade possível e 6 o maior. Onde: 1 = discordo completamente; 2 = discordo moderadamente; 3 = discordo minimamente; 4 = concordo minimamente; 5 = concordo moderadamente e 6 = concordo completamente. Doze dos 29 itens são afirmações negativas e tiveram seus valores invertidos (Quadro 4). O OHQ possui oito fatores: satisfação com a vida, controle, relação positiva com os outros, autonomia, superioridade ambiental, aceitação, propósito e disposição mental (Quadro 5). Neste estudo, não analisamos as respostas pelos fatores. Para calcular os resultados, somam-se todas as respostas e divide-se por 29 para encontrar o resultado. Os maiores escores indicam maior felicidade. No OHQ, uma pontuação de 3,5 é considerada como feliz. Pontuação 4 é a média da população e o participante é considerado como satisfeito ou moderadamente feliz. Acima de 4 é considerado como muito feliz. Traduzido e validado no Brasil por Rodrigues, 2007 (Hills e Argyle, 2002; Santos et al., 2019).

Quadro 4 – Análise sugerida por item do Questionário de Felicidade de Oxford

	Valor Invertido
1.Eu tenho sentimentos muito calorosos com quase todos.	Não
2.Sinto que possuo muita energia.	Não
3.Não tenho particularmente memórias felizes do passado.	Sim
4.Eu sou muito feliz.	Não
5.Sinto que não estou, sobretudo, no controle de minha vida.	Sim
6.Eu sou intensamente interessado em outras pessoas.	Não
7.Eu não me sinto particularmente satisfeito com a maneira que sou.	Sim
8.Eu estou muito satisfeito com tudo em minha vida.	Não
9.Sinto-me alegre e exaltado.	Não
10.Não tenho particularmente um senso de significado e propósito para minha vida.	Sim
11.Sempre tenho uma boa influência nos acontecimentos.	Não
12.Eu, particularmente, não sou otimista sobre o futuro.	Sim
13.A vida é boa.	Não
14.Sempre contágio de alegria outras pessoas.	Não
15.Sinto minha mente completamente alerta.	Não
16.Eu sinto que minha vida é muito recompensada.	Não
17.Eu, raramente, me sinto descansado.	Sim

continua

conclusão

Quadro 4 - Análise sugerida por item do Questionário de Felicidade de Oxford

	Valor Invertido
18.Existe uma distância entre o que eu gostaria de fazer e o que faço.	Sim
19.Não acho fácil tomar decisões.	Sim
20.Não me sinto particularmente saudável.	Sim
21.Eu acho a maioria das coisas agradáveis.	Não
22.Eu não acho que o mundo é um bom lugar.	Sim
23.Sempre me saio bem em tudo que eu quero.	Não
24.Eu não me acho atraente.	Sim
25.Encontro beleza em algumas coisas.	Não
26.Eu sorrio muito.	Não
27.Sinto-me capaz de conseguir qualquer coisa.	Não
28.Não me divirto com outras pessoas.	Sim
29.Estou sempre comprometido e envolvido.	Não

Fonte: Produção da autora (2023)

Quadro 5 - Itens distribuídos em fatores do Questionário de Felicidade de Oxford

Fatores	Itens
Satisfação com a vida	4, 8, 13, 16, 21
Controle	5, 7, 17,18,19
Relação positiva com os outros	1, 2, 6
Autonomia	23, 27, 29
Superioridade ambiental	14, 24, 26, 28
Aceitação	11, 20, 22
Propósito	3, 10, 12
Disposição mental	9, 15

Fonte: Produção da autora (2023)

- Escala de Resiliência (RS14): consiste em 14 itens (Quadro 6) agrupados em cinco domínios: autoconfiança, serenidade, autossuficiência, perseverança e sentido na vida. Os inquiridos devem indicar o grau com o qual concordam ou discordam de cada item em uma escala de sete pontos tipo Likert, de 1 (discordo fortemente) até 7 (concordo fortemente). A pontuação mínima é de 14 e a máxima é de 98. Uma pontuação < 56 indica nível muito baixo de resiliência; uma pontuação entre 57 e 64 indica nível baixo de resiliência; uma pontuação entre 65 e 73 indica nível regular de resiliência; uma pontuação entre 74 e 81 indica nível de resiliência moderado; uma pontuação entre 82 e 90 indica nível de resiliência moderadamente elevado; e uma

pontuação > 91 indica alto nível de resiliência. A versão original em inglês do RS14 (Wagnild, 2009) foi traduzida para o Português por Pesce et al., 2005.

Quadro 6 - Escala de Resiliência - RS14

1.	Eu costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra.
2.	Sinto orgulho de ter realizado coisas na minha vida.
3.	Quando faço planos, eu os levo até o fim.
4.	Eu sou amigo de mim mesmo.
5.	Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo.
6.	Eu sou determinado.
7.	Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já enfrentei dificuldades antes.
8.	Eu sou disciplinado.
9.	Eu mantenho interesse nas coisas.
10.	Eu normalmente posso achar motivo para rir.
11.	Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis.
12.	Em uma emergência, eu sou uma pessoa com quem as outras podem contar.
13.	Minha vida tem sentido.
14.	Quando eu estou numa situação difícil, eu, normalmente, acho uma saída.

Fonte: Produção da autora (2023)

4.3 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Trata-se de um estudo exploratório, transversal com abordagem quantitativa. Utilizamos da análise estatística descritiva para determinar os escores de respostas dos docentes nos diversos questionários (média e desvio padrão – DP) e a distribuição dos escores nos domínios de cada questionário (frequência). O programa de estatística utilizado foi *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22.

Foram realizadas correlações entre as escalas pelo coeficiente de correlação de Pearson. Os valores 0,1; 0,3 e 0,5 foram considerados para a interpretação das correlações como fracas, moderadas e fortes, respectivamente (Cohen, 1988).

A confiabilidade dos dados foi verificada por meio da consistência interna dos instrumentos usando o coeficiente alfa de Cronbach (1951). Valores maiores ou iguais a 0,7 foram considerados satisfatórios para estudos de grupos (Cramer 2002).

A qualidade dos dados foi verificada por meio da análise dos efeitos piso e teto. Consideramos como a ocorrência dos efeitos piso e teto quando mais de 10% dos respondentes apresentam escore mínimo ou máximo no domínio analisado (Smith et al., 2005).

Para análise de comparação dos escores de respostas dos questionários avaliados segundo os parâmetros sociodemográficos, foram utilizados os testes paramétricos, ANOVA e Teste t para amostras independentes (Norman, 2010).

Segundo Veloso, Dutra e Nakato (2008), Neto e Franco (2010) e Comazzetto et al. (2016), os anos de nascimento divergem um pouco, mas não há divergência na descrição das características de cada geração, assim, nossos docentes foram estratificados em gerações com base numa faixa de ano de nascimento: nascidos antes de 1945 como geração silenciosa, nascidos entre 1945 e 1960 como geração Baby Boomers; nascidos entre 1961 e 1980 como geração X e os nascidos entre 1981 e 1995 como geração Y.

O tempo de atuação na docência foi estratificado em menos de um ano, de um ano a menos de cinco anos, de cinco a dez anos e mais de dez anos (Inep, 2006).

Para avaliação da titulação acadêmica, classificamos os docentes de acordo com a modalidade de pós-graduação: docentes com pós-graduação *stricto sensu* (mestrado ou doutorado) e sem pós-graduação *stricto sensu* (somente graduação e/ou especialização *lato sensu*) (Inep, 2006).

A análise da renda financeira bruta foi feita com base na divisão de renda pelo IBGE: acima de 20 salários-mínimos (4794,2 EUR / 5266,4 USD), de 10 a 20 salários-mínimos (2397,1 – 4794,2 EUR / 2633,2 – 5266,4 USD), de 4 a 10 salários-mínimos (958,84 - 2397,1 EUR/ 1053,28 – 2633,2 USD), de 2 a 4 salários-mínimos (479,42 - 958,84 EUR/ 526,64 - 1053,28 USD) e menos de 2 salários-mínimos (479,42 EUR/ 526,64 USD).

Foi realizada a estratificação dos docentes em quatro percentis de acordo com suas respostas no Questionário de Felicidade de Oxford, pois este apresentou maior α de Cronbach e maior correlação com as demais escalas do estudo. Foram estratificados de acordo com os escores obtidos no OHQ (escala Likert de 1 a 6): menos felizes (2,31 a 4,17), pouco felizes (4,18 a 4,65), felizes (4,66 a 5,12) e muito felizes (5,13 a 5,82).

A estratificação do Questionário de Felicidade de Oxford foi utilizada para comparar as medidas de tendência central em relação aos questionários de Resiliência e seus domínios além da Autoavaliação da QV geral e no trabalho, utilizando o teste ANOVA.

O Questionário de Satisfação Docente com o Ambiente Educacional foi categorizado a partir de sua escala tipo Likert, em três categorias: sendo uma categoria a união das respostas quase sempre e sempre (mais satisfeitos com o ambiente educacional), uma segunda categoria a resposta às vezes (moderadamente satisfeitos) e uma terceira categoria a união das respostas nunca e quase nunca (menos satisfeitos).

O teste do Qui-quadrado foi utilizado para analisar a distribuição dos docentes que melhor perceberam a satisfação com o ambiente educacional pelas categorias de felicidade do OHQ.

O nível de significância estatística estabelecido nesse estudo foi $p < 0,05$.

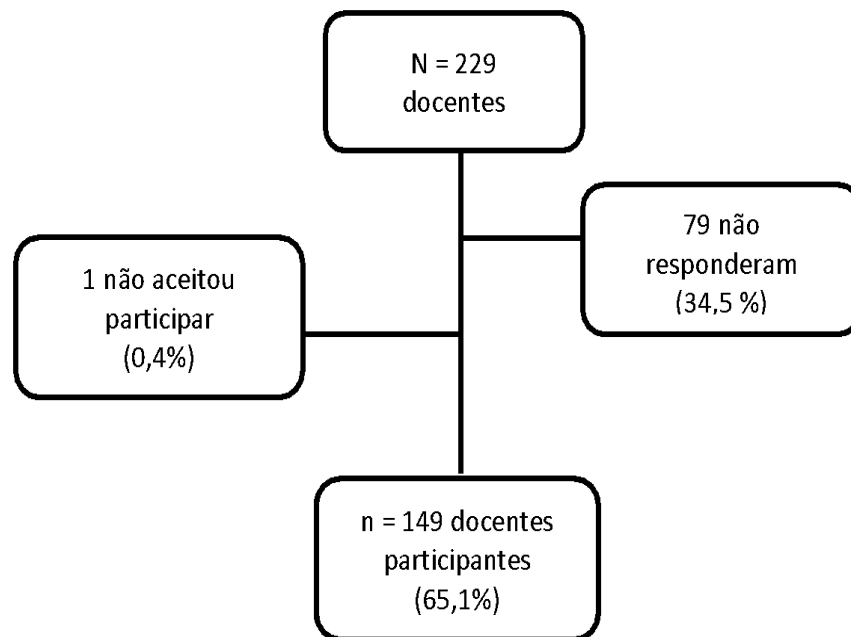
5 RESULTADOS

5 RESULTADOS

5.1 DESCRIÇÃO GERAL DA POPULAÇÃO ESTUDADA

Foi enviado convite de participação voluntária por *e-mail* para o universo de professores efetivos no UNIFAA, 229 docentes. Aceitaram participar da pesquisa, de forma voluntária, 149 docentes. Dos 80 docentes que não responderam o *e-mail*, um deles justificou a não participação devido à necessidade de identificar o endereço de *e-mail* no questionário. Os demais docentes não relataram o motivo da não participação, sendo, assim, obtivemos uma taxa de resposta de 65,1% (Figura 5).

Figura 5 - Fluxograma de perdas do estudo



Fonte: Produção da autora (2023)

A distribuição dos docentes por gerações foi de 0,7% (n=1) da geração silenciosa, com, atualmente, 84 anos, 12,1% (n=18) da geração Baby Boomers na faixa dos 63 aos 78 anos, 47,7% (n=71) da geração X na faixa dos 43 aos 62 anos e 39,6% (n=59) da geração Y na faixa dos 28 aos 42 anos. Não tivemos neste estudo docentes da geração Z.

A distribuição dos docentes por sexo foi de 51,7% (n=77) do sexo masculino e 48,3% (n=72) do sexo feminino.

Os docentes casados corresponderam a 67,1% (n=100) e os não casados corresponderam a 32,9% (n=49). Cerca de 79,2% (n=118) dos docentes afirmaram ter um relacionamento estável e viver com cônjuge. Cerca de 61,0% (n=91) dos docentes relataram ter filhos.

Cerca de 51,7% (n=77) dos docentes não residiam em Valença, sendo que, destes, 0,7% (n=1) residiam no estado de São Paulo, 9,4% (n=14) no estado de Minas Gerais e 41,6% (n=62) em outros municípios do estado do Rio de Janeiro.

Em relação à religião, 94,0% (n=140) afirmaram possuir religião, mas somente 55,7% destes (n=83) afirmaram ter prática religiosa.

Aproximadamente, 45,6% (n=68) dos docentes informaram ter formação profissional em Medicina e 54,4% (n=81) dos docentes tinham outras formações, tais como Odontologia, Enfermagem, Medicina Veterinária, Psicologia, Direito, Pedagogia, Biomedicina, Administração, Biologia, Educação Física, Farmácia e Bioquímica, Fisioterapia, Letras, Matemática e História. Cerca de 69,8% (n=104) dos docentes realizaram pós-graduação na modalidade *stricto sensu* (mestrado e/ou doutorado).

De acordo com o tempo de atuação na docência, 8,7% (n=13) tinham menos de um ano, 16,1% (n=24) tinham mais de um ano e menos de cinco anos, 26,2% (n=39) tinham de cinco a dez anos e 49,0% (n=73) tinham mais de dez anos de atuação.

Em relação à renda financeira bruta, 21,5% dos docentes (n=32) relataram receber mais de 20 salários-mínimos, 41,6% (n=62) relataram de 10 a 20 salários-mínimos, 28,9% (n=43) relataram de 4 a 10 salários-mínimos e 8,1% (n=12) relataram de 2 a 4 salários-mínimos.

Optamos por não descrever os dados referentes ao tempo e meio de locomoção, assim como, à carga horária dentro e fora da instituição, visto que não apresentaram influência significativa na felicidade e nem na satisfação docente com o ambiente educacional.

A Tabela 1 caracteriza a amostra de docentes por sexo, geração, estado civil, relacionamento estável e conjugue, filhos, religião, prática religiosa, formação profissional, pós-graduação *stricto sensu* e tempo de atuação na docência.

Tabela 1 - Caracterização da amostra

Características	N	%
Sexo		
Masculino	77	51,7
Feminino	72	48,3
Geração		
Silenciosa	1	0,7
Baby Boomers	18	12,1
X	71	47,7
Y	59	39,6
Estado civil		
Casado	100	67,1
Solteiro ou separado	49	32,9
Relacionamento estável e viver com conjugue		
Sim	118	79,2
Não	31	20,8
Filhos		
Sim	91	61,1
Não	58	38,9
Religião		
Sim	140	94,0
Não	9	6,0
Prática religiosa		
Sim	83	55,7
Não	66	44,3
Formação profissional em Medicina		
Sim	68	45,6
Não	81	54,4
Pós-graduação <i>Stricto sensu</i>		
Não	45	30,2
Mestrado	46	30,9
Doutorado	58	38,9
Tempo de atuação na docência		
<1 ano	13	8,7
≥1 ano e < 5 anos	24	16,1
≥5 anos e <10 anos	39	26,2
≥10 anos	73	49,0

5.2 ANÁLISE DA CONFIABILIDADE E QUALIDADE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

A confiabilidade dos dados obtidos nas escalas utilizadas foi verificada a partir do alfa de Cronbach, que variou de 0,77 a 0,91, demonstrando a consistência interna das escalas e uma boa confiabilidade (Tabela 2).

A análise da qualidade dos dados é demonstrada na Tabela 3 por meio da frequência das respostas nos escores mínimo e máximo, o que caracteriza os efeitos piso e teto.

Tabela 2 – Alfa de Cronbach do Questionário de Felicidade de Oxford, Escala de Felicidade Subjetiva, Escala de Resiliência e do Questionário de Satisfação Docente no Ambiente Educacional

Escalas	Alfa de Cronbach
Questionário de Felicidade de Oxford	0,91
Escala de Felicidade Subjetiva	0,77
Escala de Resiliência (RS-14)	0,89
Questionário de Satisfação docente no ambiente educacional	0,89

Tabela 3 - Análise da qualidade dos dados obtidos nos instrumentos utilizados no estudo

Escalas	Qualidade dos Dados	
	Escore mínimo n (%)	Escore máximo n (%)
Autoavaliação		
Felicidade global	0 (0)	18 (12,1)
Qualidade de Vida geral	0 (0)	10 (6,7)
Qualidade de Vida no trabalho	3 (2,0)	10 (6,7)
Escala de Felicidade Subjetiva		
Questionário de Felicidade de Oxford	0 (0)	0 (0)
Escala de Resiliência		
Autoconfiança	0 (0)	22 (14,8)
Sentido de vida	0 (0)	50 (33,6)
Serenidade	0 (0)	32 (21,5)
Perseverança	0 (0)	43 (28,9)
Autossuficiência	0 (0)	37 (24,8)
Satisfação Docente no Ambiente Educacional		
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	0 (0)	34 (22,8)
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	7 (4,7)	9 (6,0)
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	0 (0)	41 (27,5)
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	0 (0)	45 (30,2)
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	1 (0,7)	90 (60,4)

continua

conclusão

Tabela 3 - Análise da qualidade dos dados obtidos nos instrumentos utilizados no estudo

Escala	Qualidade dos Dados	
	Escore mínimo n (%)	Escore máximo n (%)
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	0 (0)	47 (31,5)
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	0 (0)	57 (38,3)
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	0 (0)	79 (53,0)
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	2 (1,3)	30 (20,1)
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	0 (0)	46 (30,9)
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	2 (1,3)	32 (21,5)
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	3 (2,0)	63 (42,3)
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	5 (3,4)	36 (24,2)
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	8 (5,4)	13 (8,7)
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	2 (1,3)	39 (26,2)
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	0 (0)	25 (16,8)

5.3 ANÁLISE DA FELICIDADE SUBJETIVA, RESILIÊNCIA E QUALIDADE DE VIDA

Os docentes obtiveram, na Autoavaliação de Felicidade global, a média de 5,4 (DP±1,04). Na Escala de Felicidade Subjetiva, apresentaram média de 5,4 (DP±1,05) e, no Questionário de Felicidade de Oxford, média 4,6 (DP±0,68), caracterizando os docentes como felizes nos três instrumentos utilizados para mensuração da Felicidade.

Os docentes apresentaram na escala RS14, escore mínimo de 56 e máximo de 98, e uma média de 84,7 (DP±10,5), caracterizando a amostra com uma resiliência moderadamente elevada.

Em relação à qualidade de vida, obtiveram na autoavaliação da qualidade de vida geral uma média de 7,7 (DP±1,44) e, no trabalho, uma média de 7,3 (DP±1,82), sendo que respostas acima de sete determinam uma boa qualidade de vida.

Em relação à Satisfação docente no ambiente educacional, os docentes apresentaram respostas superiores a 3,1 (DP±0,97) em todos os itens, com uma média aproximada de 4,2 (DP±0,72).

Tabela 4 - Média dos escores obtidos nos instrumentos utilizados no estudo

Escala	Média (DP)
Autoavaliação de felicidade global	5,4 (1,04)
Felicidade subjetiva	5,4 (1,05)
Questionário de Felicidade de Oxford	4,6 (0,68)
Escala de Resiliência – RS14	84,7 (10,5)
Qualidade de vida geral	7,7 (1,44)
Qualidade de vida no trabalho	7,3 (1,82)
Satisfação com o ambiente educacional	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,8 (0,84)
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,1 (0,97)
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,1 (0,62)
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,1 (0,72)
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,5 (0,74)
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	4,1 (0,81)
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,2 (0,70)
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,4 (0,66)
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,8 (0,87)
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,1 (0,72)
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	3,9 (0,84)
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,1 (0,92)
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	3,8 (0,98)
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,1 (0,99)
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,9 (0,87)
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,8 (0,75)

5.4 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS GERAÇÕES

Os docentes da amostra pertencem às gerações Silenciosa, Baby Boomers, X e Y. Na análise dos dados por gerações, excluímos o único representante da geração silenciosa e não tivemos docentes da geração Z.

Os docentes da geração Baby Boomers apresentaram escores significativamente maiores do que as gerações X e Y na autoavaliação de felicidade ($p < 0,03$), na autoavaliação de qualidade de vida geral ($p < 0,01$) e no trabalho ($p < 0,02$). Não houve diferença estatisticamente significativa nos escores de resiliência e nos seus domínios entre as gerações (Tabela 5).

Os docentes da geração Baby Boomers perceberam menos emoções negativas no seu dia ($p < 0,01$), relataram mais prazer na atuação do seu trabalho ($p < 0,00$), maior satisfação com sua posição na vida ($p < 0,04$) e com o clima educacional ($p < 0,01$), e perceberam melhor sua relação com os alunos ($p < 0,00$) (Tabela 6).

Tabela 5 - Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida entre as gerações

Escala	Gerações			p*
	Baby Boomers (n=18) Média (DP)	X (n=71) Média(DP)	Y (n= 59) Média(DP)	
Autoavaliação de felicidade global	5,8 (0,78)	5,4 (0,96)	5,2 (1,16)	0,03
Escala de Felicidade subjetiva	5,6 (0,70)	5,5 (1,06)	5,1 (1,09)	0,06
Questionário de Felicidade de Oxford	4,6 (0,62)	4,7 (0,67)	4,5 (0,70)	0,42
Resiliência	85,7 (9,18)	85,7(10,63)	83,2(10,74)	0,36
Autoconfiança	30,7 (3,02)	30,8 (4,37)	29,9 (3,90)	0,43
Sentido na vida	19,0 (2,22)	19,2 (1,97)	18,6 (2,56)	0,36
Serenidade	11,8 (1,58)	11,9 (1,85)	11,6 (1,88)	0,65
Perseverança	12,0 (2,15)	11,9 (2,31)	11,5 (2,14)	0,43
Autossuficiência	12,2 (1,88)	11,8 (2,14)	11,5 (2,41)	0,57
Qualidade de vida geral	8,0 (1,05)	7,9 (1,40)	7,2 (1,48)	0,01
Qualidade de vida no trabalho	8,2 (1,06)	7,4 (1,91)	6,9 (1,81)	0,02

*Anova

Tabela 6 - Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional entre as gerações

Satisfação docente no Ambiente Educacional	Gerações			p*
	Baby Boomers (n=18) Média (DP)	X (n=71) Média(DP)	Y (n= 59) Média(DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	4,0 (0,68)	3,9 (0,83)	3,6 (0,86)	0,10
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,5 (0,85)	3,3 (0,88)	2,8 (1,04)	0,01
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,6 (0,50)	4,1 (0,61)	4,0 (0,61)	0,00
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,5 (0,51)	4,1 (0,75)	4,0 (0,70)	0,98
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,7 (0,42)	4,5 (0,67)	4,3 (0,86)	0,15
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	4,3 (0,57)	4,2 (0,79)	3,8 (0,84)	0,04
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,5 (0,51)	4,2 (0,73)	4,1 (0,71)	0,19
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,7 (0,46)	4,5 (0,58)	4,3 (0,77)	0,11
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	4,2 (0,70)	4,0 (0,80)	3,6 (0,95)	0,01

continua

conclusão

Tabela 6 - Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional entre as gerações

Satisfação docente no Ambiente Educacional	Gerações			p*
	Baby Boomers (n=18) Média (DP)	X (n=71) Média(DP)	Y (n= 59) Média(DP)	
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,6 (0,50)	4,1(0,70)	4,0 (0,73)	0,00
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	4,1 (0,92)	3,9 (0,76)	3,7 (0,88)	0,20
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,4 (0,61)	4,2 (0,88)	3,9 (1,02)	0,11
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	4,0 (1,08)	3,9 (0,89)	3,5 (1,03)	0,18
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,7 (0,82)	3,1 (0,94)	3,0 (1,00)	0,06
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,9 (1,05)	3,8 (0,88)	4,0 (0,80)	0,69
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	4,0 (0,63)	3,8 (0,81)	3,6 (0,69)	0,10

*Anova

5.5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE SEXO

Não houve diferença significativa entre percepção de felicidade subjetiva, resiliência e seus domínios, qualidade de vida geral e no trabalho, e na satisfação com o ambiente educacional entre os sexos (Tabelas 7 e 8). Houve diferença significativa na renda financeira bruta, sendo maior no sexo masculino ($p < 0,001$).

Tabela 7 - Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida entre sexo

Escalas	Sexo		p*
	Masculino (n=77) Média (DP)	Feminino (n=72) Média (DP)	
Autoavaliação de Felicidade global	5,4 (1,00)	5,3 (1,08)	0,34
Escala de Felicidade subjetiva	5,3 (1,01)	5,4 (1,09)	0,73
Questionário de Felicidade de Oxford	4,5 (0,70)	4,6 (0,65)	0,39
Resiliência	84,0 (11,55)	85,5 (9,25)	0,38
Autoconfiança	29,8 (4,40)	31,0 (3,4)	0,06
Sentido na vida	18,8 (2,40)	19,1 (2,0)	0,36
Serenidade	11,7 (1,91)	11,7 (1,73)	0,99
Perseverança	11,6 (2,21)	11,9 (2,24)	0,44
Autossuficiência	11,9 (2,13)	11,5 (2,3)	0,39
Qualidade de vida geral	7,7 (1,42)	7,5 (1,46)	0,54
Qualidade de vida no trabalho	7,3 (1,90)	7,3 (1,74)	0,91

*Teste t de amostras independentes

Tabela 8 - Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional entre sexo

Satisfação Docente no Ambiente Educacional	Sexo		p*
	Masculino (n=77) Média (DP)	Feminino (n=72) Média (DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,7(0,82)	3,9 (0,84)	0,07
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,2 (0,85)	3,0 (1,07)	0,08
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,1 (0,66)	4,1 (0,58)	0,96
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,0 (0,76)	4,1 (0,67)	0,39
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,4 (0,78)	4,5 (0,69)	0,87
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	4,0 (0,80)	4,0 (0,81)	0,78
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,2 (0,66)	4,2 (0,75)	0,92
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,4 (0,59)	4,4 (0,73)	0,78
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,8 (0,90)	3,8 (0,84)	0,56
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,2 (0,68)	4,0 (0,74)	0,62
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	3,9 (0,88)	3,9 (0,79)	0,88
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,1 (0,89)	4,1 (0,96)	0,77
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	3,8 (0,98)	3,7 (0,98)	0,86
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,2 (0,96)	3,0 (1,02)	0,13
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,8 (0,91)	3,9 (0,82)	0,74
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,7 (0,77)	3,8 (0,73)	0,45

*Teste t de amostras independentes

5.6 ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO AO NÚCLEO FAMILIAR (RELACIONAMENTO ESTÁVEL E FILHOS)

A maioria dos docentes respondentes era casada ou tinha um relacionamento estável e vivia com cônjuge. Separamos os docentes naqueles que tinham um relacionamento estável, os que não tinham um relacionamento estável naquele momento, os que nunca tiveram um relacionamento estável e os que já tiveram. Não houve diferença significativamente estatística na felicidade subjetiva, resiliência, qualidade de vida geral e no trabalho entre os que tinham um relacionamento estável e os demais, mas houve diferença significativa no domínio autossuficiência da resiliência ($p < 0,02$) e na renda financeira bruta ($p < 0,019$) (Tabela 9).

Tabela 9 - Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida em relação à composição do núcleo familiar – ter ou não relacionamento estável

Escala	Relacionamento estável				p*
	Sim (n=118) Média (DP)	Não (n=21) Média (DP)	Nunca teve (n=3) Média (DP)	Já teve (n=7) Média (DP)	
Autoavaliação de Felicidade global	5,4 (0,99)	5,5 (1,07)	4,3 (2,08)	5,0 (1,15)	0,71
Escala de Felicidade Subjetiva	5,3 (1,04)	5,6 (0,85)	4,0 (1,39)	5,3 (1,26)	0,18
Questionário de Felicidade de Oxford	4,5 (0,66)	4,7 (0,62)	4,2 (1,32)	4,5 (0,85)	0,86
Resiliência	85,2(10,21)	84,0(10,21)	73,3(20,64)	83,5(11,10)	0,55
Autoconfiança	30,5 (4,03)	30,6 (3,81)	29,0 (7,21)	30,1 (4,22)	0,66
Sentido na vida	19,0 (2,22)	18,8 (2,13)	17,0 (3,46)	18,2 (2,62)	0,64
Serenidade	11,7 (1,73)	12,0 (1,81)	9,3 (4,04)	11,7 (1,97)	0,19
Perseverança	11,9 (2,07)	11,5 (2,42)	8,6 (4,61)	11,1 (2,41)	0,22
Autossuficiência	11,9 (2,04)	10,9 (2,51)	9,3 (4,04)	12,3 (2,56)	0,02
Qualidade de vida geral	7,7 (1,43)	7,8 (1,35)	6,6 (3,21)	7,0 (0,81)	0,49
Qualidade de vida no trabalho	7,2 (1,83)	8,0 (1,70)	6,3 (2,30)	6,4 (1,27)	0,44

*Anova

Dentre os docentes que tinham filhos, não houve diferença significativa na percepção de felicidade subjetiva e resiliência ($p < 0,05$), mas houve diferença estatisticamente significativa nos domínios autoconfiança ($p < 0,03$) e autossuficiência ($p < 0,04$) da resiliência e na qualidade de vida geral ($p < 0,00$) (Tabela 10).

Tabela 10 - Análise comparativa da felicidade, resiliência, qualidade de vida em relação à composição do núcleo familiar – filhos

Escalas	Filhos		p*
	Sim (n=91) Média (DP)	Não (n=58) Média (DP)	
Autoavaliação de Felicidade global	5,4 (0,97)	5,2 (1,14)	0,22
Escala de Felicidade subjetiva	5,4 (1,13)	5,3 (0,91)	0,67
Questionário de Felicidade de Oxford	4,6 (0,67)	4,5 (0,68)	0,47
Resiliência	85,8 (9,74)	82,9 (11,45)	0,1
Autoconfiança	31,0 (3,74)	29,6 (4,35)	0,03
Sentido na vida	19,1 (1,99)	18,6 (2,59)	0,15
Serenidade	11,7 (1,82)	11,7 (1,83)	0,82
Perseverança	11,8 (2,18)	11,6 (2,31)	0,67
Autossuficiência	12,0 (1,90)	11,3 (2,59)	0,04
Qualidade de vida geral	7,9 (1,35)	7,2 (1,50)	0,00
Qualidade de vida no trabalho	7,4 (1,66)	7,0 (2,03)	0,14

*Teste t de amostras independentes

Em relação à satisfação docente no ambiente educacional, os docentes que tinham filhos demonstraram diferença estatisticamente significativa quanto à satisfação com o clima educacional na instituição ($p < 0,02$) (Tabela 11).

Tabela 11 - Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional em relação à composição do núcleo familiar – filhos

Satisfação Docente no Ambiente Educacional	Filhos		p*
	Sim (n=91) Média(DP)	Não (n=58) Média(DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,8 (0,82)	3,7 (0,86)	0,39
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,2 (0,91)	3,0 (1,04)	0,15
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,1 (0,66)	4,1 (0,56)	0,62
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,1 (0,66)	4,0 (0,80)	0,40
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,4 (0,68)	4,4 (0,82)	0,92
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	4,1 (0,81)	3,9 (0,78)	0,17
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,2 (0,73)	4,1 (0,67)	0,31
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,5 (0,65)	4,3 (0,66)	0,14
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,9 (0,77)	3,6 (0,98)	0,02
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,1 (0,69)	4,0 (0,75)	0,30
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	3,9 (0,82)	3,8 (0,86)	0,69

continua

conclusão

Tabela 11 - Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional em relação à composição do núcleo familiar – filhos

Satisfação Docente no Ambiente Educacional	Filhos		p*
	Sim (n=91) Média(DP)	Não (n=58) Média(DP)	
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,1 (0,84)	4,0 (1,04)	0,51
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	3,8 (0,93)	3,7 (1,05)	0,50
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,2 (0,99)	3,0 (0,99)	0,18
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,8 (0,91)	3,9 (0,81)	0,78
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,8 (0,74)	3,7(0,77)	0,40

*Teste t de amostras independentes

5.7 ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO À PRÁTICA RELIGIOSA

Cerca de 94% (n=140) dos docentes afirmaram ter religião, mas, quando questionados sobre a prática religiosa, somente 55,7% (n=83) afirmaram ter esta prática. Houve diferença significativa na percepção de felicidade subjetiva ($p<0,04$) e na qualidade de vida no trabalho ($p<0,01$) entre os docentes que afirmaram ter prática religiosa, mas não houve diferença na percepção da qualidade de vida geral, na resiliência e nos seus domínios (Tabela 12).

Tabela 12 - Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida em relação à prática religiosa

Escalas	Prática religiosa		p*
	Sim (n=83) Média (DP)	Não (n=66) Média (DP)	
Autoavaliação de Felicidade global	5,5 (1,08)	5,2 (0,97)	0,12
Escala de Felicidade Subjetiva	5,5 (1,02)	5,2 (1,06)	0,04
Questionário de Felicidade de Oxford	4,6 (0,64)	4,4 (0,70)	0,06
Resiliência	85,6 (10,11)	83,6(10,94)	0,24
Autoconfiança	30,9 (3,79)	29,8 (4,27)	0,11
Sentido na vida	19,1 (2,22)	18,7 (2,28)	0,31
Serenidade	11,9 (1,74)	11,5 (1,92)	0,30
Perseverança	11,9 (2,11)	11,5 (2,35)	0,34
Autossuficiência	11,7 (2,26)	11,7 (2,16)	0,88
Qualidade de Vida geral	7,8 (1,46)	7,4 (1,40)	0,16
Qualidade de Vida no trabalho	7,7 (1,60)	6,9 (2,00)	0,01

*Teste t de amostras independentes

Quanto à satisfação docente no ambiente educacional, os docentes com prática religiosa perceberam melhor o ambiente educacional e demonstraram mais prazer ($p<0,02$), mais sentido na vida ($p<0,02$), mais paixão ($p<0,03$), e mais satisfação com a realização do trabalho ($p<0,00$) e com as condições do trabalho ($p<0,00$). Perceberam maior satisfação com o tempo de lazer ($p<0,00$) e concordaram que gastam menos tempo em casa com o trabalho do que os não praticantes da religião ($p<0,03$) (Tabela 13).

Tabela 13 - Análise comparativa da satisfação docente no ambiente educacional em relação à prática religiosa

Satisfação docente no ambiente educacional	Prática religiosa		p*
	Sim	Não	
	(n=83) Média (DP)	(n=66) Média (DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,9 (0,85)	3,7 (0,81)	0,12
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,1 (0,91)	3,0 (1,04)	0,46
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,2 (0,59)	4,0 (0,64)	0,02
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,2 (0,62)	3,9 (0,80)	0,00
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,5 (0,68)	4,3 (0,80)	0,15
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	4,0 (0,83)	4,0 (0,77)	0,84
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,3 (0,68)	4,1 (0,71)	0,03
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,5 (0,58)	4,3 (0,72)	0,02
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,9 (0,78)	3,6 (0,96)	0,06
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,2 (0,69)	4,0 (0,73)	0,08
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	4,0 (0,76)	3,7 (0,89)	0,02
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,2 (0,91)	4,0 (0,92)	0,16
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	3,9 (1,02)	3,6 (0,90)	0,05
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,4 (0,90)	2,9 (1,03)	0,00
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,8 (0,78)	4,1 (0,94)	0,03
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,8 (0,74)	3,6 (0,75)	0,83

*Teste t de amostras independentes

5.8 ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Dos docentes do UNIFAA participantes do estudo, 45,6% (n=68) relataram ter formação profissional em Medicina e 54,4% (n=81) em outros cursos de nível superior, sendo 9,4% em Medicina Veterinária (n=14), 6,0% em Enfermagem (n=9), 8,7% em Odontologia

(n=13), 2,0% em Psicologia (n=3), 3,4% em Educação Física (n=5), 1,3% em Fisioterapia (n=2), 8,0% em Direito (n=12), 1,3% em Biomedicina (n=2), 2,7% em Pedagogia (n=4), 0,7% em Letras (n=1), 2,0% em Administração (n=3), 2,0% em História (n=2), 2,0% em Bioquímica (n=2), 0,7% em Engenharia Agrônoma (n=1), 3,4% em Biologia (n=5), 0,7% em Recursos Humanos (n=1) e 2,0% em Matemática (n=2). Os docentes com formação profissional em Medicina apresentaram diferença significativa na felicidade subjetiva ($p<0,02$), na renda financeira bruta ($p<0,00$) e na satisfação de suas necessidades materiais ($p<0,02$) em relação aos docentes com outra formação profissional. Não houve diferença significativa na resiliência e em seus domínios, na qualidade de vida geral e no trabalho e na satisfação com o ambiente educacional (Tabelas 14 e 15).

Tabela 14 - Análise comparativa da felicidade, resiliência e qualidade de vida em relação à formação profissional

Escalas	Formação Profissional Em Medicina		p*
	Sim (n=68) Média (DP)	Não (n=81) Média (DP)	
Autoavaliação de Felicidade global	5,6 (0,94)	5,2 (1,09)	0,02
Escala de Felicidade Subjetiva	5,3 (1,09)	5,4 (1,01)	0,43
Questionário de Felicidade de Oxford	4,6 (0,67)	4,6 (0,68)	0,96
Resiliência	84,4 (10,51)	84,9 (0,55)	0,76
Autoconfiança	30,1 (3,80)	30,7 (4,22)	0,36
Sentido na vida	19,1 (2,17)	18,8 (2,32)	0,50
Serenidade	11,5 (1,94)	11,9 (1,71)	0,28
Perseverança	11,6 (2,30)	11,8 (2,16)	0,53
Autossuficiência	11,9 (2,17)	11,5 (2,25)	0,28
Qualidade de vida geral	7,7 (1,27)	7,6 (1,57)	0,70
Qualidade de vida no trabalho	7,4 (1,55)	7,2 (2,00)	0,52

*Teste t de amostras independentes

Tabela 15 - Análise da satisfação com o ambiente educacional por formação profissional

Satisfação com o ambiente educacional	Formação Profissional Em Medicina		p*
	Sim (n=68) Média (DP)	Não (n=81) Média (DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,7 (0,84)	3,8 (0,83)	0,37
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,2 (0,93)	3,0 (1,00)	0,45
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,0 (0,66)	4,2 (0,58)	0,14
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,0 (0,68)	4,1 (0,74)	0,16
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,3 (0,78)	4,5 (0,68)	0,72
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	4,1 (0,74)	3,9 (0,85)	0,33
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,2 (0,74)	4,2 (0,68)	0,40
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,5 (0,63)	4,3 (0,68)	0,33
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,9 (0,72)	3,7 (0,98)	0,40
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,1 (0,65)	4,1 (0,77)	0,87
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	3,8 (0,62)	3,9 (0,98)	0,83
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,2 (0,83)	4,0 (0,99)	0,48
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	3,7 (0,84)	3,8 (1,08)	0,88
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,2 (0,84)	3,0 (1,10)	0,36
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,7 (0,74)	4,0 (0,96)	0,15
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,9 (0,77)	3,6 (0,71)	0,02

*Teste t de amostras independentes

5.9 ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO A LECIONAR NO CURSO DE MEDICINA

Aproximadamente, 64,4% (n=96) dos docentes lecionavam no curso de Medicina (Tabelas 16 e 17) e apresentaram uma diferença estatisticamente significativa somente em relação à renda financeira bruta em relação aos docentes que não lecionavam no curso de Medicina, independentemente da formação profissional ($p < 0,00$) (Tabelas 18 e 19).

Tabela 16 - Análise da felicidade, resiliência e qualidade de vida em relação a lecionar no curso de Medicina

Escalas	Lecionar na Medicina		p*
	Sim	Não	
	(n=96) Média (DP)	(n=53) Média (DP)	
Autoavaliação de felicidade	5,4 (1,00)	5,2 (1,09)	0,11
Felicidade subjetiva	5,3 (1,05)	5,4 (1,06)	0,65
Questionário de Felicidade de Oxford	4,6 (0,64)	4,5 (0,75)	0,75
Resiliência	85,1 (10,07)	84,0 (11,2)	0,51
Autoconfiança	30,5 (3,71)	30,3 (4,59)	0,82
Sentido na vida	19,1 (2,19)	18,7 (2,35)	0,31
Serenidade	11,7 (1,86)	11,7 (1,76)	0,95
Perseverança	11,7 (2,25)	11,8 (2,19)	0,91
Autossuficiência	11,9 (2,09)	11,3 (2,38)	0,08
Qualidade de vida geral	7,6 (1,37)	7,7 (1,58)	0,60
Qualidade de vida no trabalho	7,2 (1,83)	7,4 (1,82)	0,58

*Teste t de amostras independentes

Tabela 17 - Análise da satisfação com o ambiente educacional em relação a lecionar no curso de Medicina

Satisfação com o ambiente educacional	Lecionar na Medicina		p*
	Sim	Não	
	(n=96) Média (DP)	(n=53) Média (DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,8 (0,85)	3,8 (0,82)	0,55
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,1 (0,96)	3,1 (1,00)	0,65
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,0 (0,63)	4,2 (0,60)	0,21
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,0 (0,69)	4,1 (0,76)	0,64
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,4 (0,73)	4,5 (0,74)	0,64
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	4,1 (0,76)	3,9 (0,87)	0,27
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,2 (0,71)	4,1 (0,69)	0,32
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,4 (0,61)	4,3 (0,74)	0,52
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,8 (0,84)	3,7 (0,93)	0,45
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,1 (0,67)	4,0 (0,80)	0,51
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	3,9 (0,75)	3,8 (0,97)	0,78
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,2 (0,84)	4,0 (1,05)	0,28
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	3,8 (0,93)	3,6 (1,06)	0,38
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,1 (0,96)	3,2 (1,06)	0,51
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,8 (0,87)	4,0(0,87)	0,33
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,8(0,74)	3,6(0,75)	0,18

*Teste t de amostras independentes

Tabela 18 - Análise da felicidade, resiliência e qualidade de vida em docentes não médicos que lecionavam no curso de Medicina

Escalas	Não médico Lecionar na Medicina		p*
	Sim (n=28)	Não (n=53)	
	Média (DP)	Média (DP)	
Autoavaliação de felicidade	5,2 (1,10)	5,2 (1,09)	0,97
Felicidade subjetiva	5,4 (0,93)	5,4 (1,06)	0,90
Questionário de Felicidade de Oxford	4,6 (0,55)	4,5 (0,75)	0,65
Resiliência	86,8 (8,89)	84,0(11,28)	0,24
Autoconfiança	31,4 (3,38)	30,3 (4,59)	0,27
Sentido na vida	19,1 (2,28)	18,7 (2,35)	0,47
Serenidade	11,7 (1,76)	12,2 (1,59)	0,25
Perseverança	12,0 (2,13)	11,8 (2,19)	0,66
Autossuficiência	12,0 (1,93)	11,3 (2,38)	0,18
Qualidade de vida geral	7,3 (1,57)	7,7 (1,58)	0,32
Qualidade de vida no trabalho	6,8 (2,35)	7,4 (1,82)	0,22

*Teste t de amostras independentes

Tabela 19 - Análise da satisfação com o ambiente educacional em relação aos docentes não médicos que lecionavam no curso de Medicina

Satisfação com o ambiente educacional	Não médico Lecionar na Medicina		p*
	Sim (n=28)	Não (n=53)	
	Média (DP)	Média (DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,8 (0,87)	3,8 (0,82)	0,97
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	2,8 (0,99)	3,1(1,00)	0,20
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,1 (0,54)	4,2 (0,60)	0,72
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,1 (0,72)	4,1 (0,76)	0,87
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,7 (0,53)	4,5 (0,74)	0,24
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	4,0 (0,81)	3,9 (0,87)	0,85
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,2 (0,63)	4,1 (0,69)	0,08
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,3 (0,56)	4,3 (0,74)	0,98
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,8 (1,09)	3,7 (0,93)	0,83
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,2 (0,70)	4,0 (0,80)	0,33
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	4,0 (1,01)	3,8 (0,87)	0,62
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,2 (0,87)	4,0 (1,05)	0,45
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	4,0 (1,12)	3,6 (1,06)	0,23
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	2,8 (1,15)	3,2 (1,06)	0,11
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	4,0 (1,12)	4,0 (0,87)	1,00
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,6 (0,62)	3,6 (0,75)	0,75

*Teste t de amostras independentes

5.10 ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO À TITULAÇÃO ACADÊMICA

Cerca de 30,2% (n=45) dos docentes do UNIFAA participantes da pesquisa não relataram pós-graduação *stricto sensu* e 69,8% (n=104) relataram pós-graduação *stricto sensu*. Dos que possuíam pós-graduação *stricto sensu*, 56,0% (n=58) mestrado e 44,2% (n=46) doutorado. Os docentes com doutorado e mestrado apresentaram diferença significativa na resiliência ($p<0,02$) e nos domínios autoconfiança ($p<0,03$), serenidade ($p<0,03$) e perseverança ($p<0,02$), e relataram mais orgulho na realização do seu trabalho ($p<0,01$). Os escores de resiliência e orgulho no trabalho foram maiores nos docentes com doutorado do que naqueles com mestrado, mostrando uma característica do tipo “dose efeito”. Não houve diferença na felicidade e qualidade de vida geral e no trabalho em relação à titulação acadêmica (Tabelas 20 e 21).

Tabela 20 - Análise da felicidade, resiliência e qualidade de vida por titulação acadêmica

Escalas	Titulação acadêmica			p*
	Graduação/ Pós-graduação <i>lato sensu</i> (n=45) Média (DP)	Mestrado (n=58) Média (DP)	Doutorado (n=46) Média (DP)	
Autoavaliação de felicidade	5,6 (0,94)	5,3 (1,07)	5,3 (1,09)	0,35
Felicidade subjetiva	5,3 (0,99)	5,4 (1,17)	5,4 (0,96)	0,81
Questionário de Felicidade de Oxford	4,5 (0,67)	4,6 (0,65)	4,7 (0,72)	0,41
Resiliência	81,7 (10,90)	84,8 (10,98)	87,7 (8,67)	0,02
Autoconfiança	29,3 (4,02)	30,6 (4,18)	31,4 (3,64)	0,03
Sentido na vida	18,6 (2,30)	19,0 (2,34)	19,2 (2,08)	0,38
Serenidade	11,3 (1,87)	11,7 (1,87)	12,3 (1,62)	0,03
Perseverança	11,2 (2,50)	11,8 (2,20)	12,4 (1,78)	0,02
Autossuficiência	11,3 (2,49)	11,6 (2,25)	12,3 (1,76)	0,09
Qualidade de vida geral	7,7 (1,14)	7,6 (1,72)	7,7 (1,35)	0,96
Qualidade de vida no trabalho	7,3 (1,39)	7,3 (1,72)	7,3 (2,29)	0,98

*Anova

Tabela 21 - Análise da satisfação com o ambiente educacional por titulação acadêmica

Satisfação com o ambiente educacional	Titulação acadêmica			p*
	Graduação/ Pós-graduação <i>lato sensu</i> (n=45) Média(DP)	Mestrado (n=58) Média(DP)	Doutorado (n=46) Média(DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,8 (0,78)	3,8 (0,82)	3,8 (0,92)	0,85
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,0 (1,01)	3,2 (0,93)	3,1 (0,98)	0,58
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,0 (0,63)	4,0 (0,58)	4,3 (0,63)	0,05
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,1 (0,64)	4,0 (0,73)	4,1 (0,78)	0,90
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,2 (0,83)	4,4 (0,70)	4,7 (0,62)	0,01
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	3,9 (0,76)	4,0 (0,79)	4,2 (0,84)	0,14
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,0 (0,71)	4,2 (0,71)	4,3 (0,67)	0,15
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,4 (0,66)	4,4 (0,72)	4,5 (0,58)	0,79
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,9 (0,87)	3,9 (0,77)	3,7 (0,99)	0,60
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	4,1 (0,61)	4,0 (0,79)	4,2 (0,70)	0,20
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	3,9 (0,72)	3,9 (0,84)	3,9 (0,93)	0,88
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	4,1 (0,91)	4,1 (0,85)	4,2 (1,03)	0,72
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	3,6 (0,82)	3,8 (0,95)	4,0 (1,08)	0,22
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,4 (0,74)	3,1 (1,09)	3,0 (1,06)	0,15
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,6 (0,82)	4,0 (0,86)	4,0 (0,89)	0,08
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,7 (0,67)	3,7 (0,79)	3,8 (0,78)	0,70

*Anova

5.11 ANÁLISE COMPARATIVA EM RELAÇÃO AO TEMPO DE ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA

Os docentes com mais de dez anos de atuação na docência corresponderam a 49% da amostra (n=73) e estes apresentaram maior percepção de felicidade subjetiva ($p<0,01$) e resiliência ($p<0,00$), além dos domínios autoconfiança ($p<0,00$), sentido na vida ($p<0,03$) e autossuficiência da resiliência ($p<0,03$) (Tabela 22).

Tabela 22 - Análise de felicidade, resiliência e qualidade de vida por tempo de atuação na docência

Escalas	Tempo de atuação na docência				p*
	< 1 ano (n =13) Média (DP)	1-5 anos (n =24) Média (DP)	5-10 anos (n=39) Média (DP)	>10 anos (n =73) Média (DP)	
Autoavaliação de felicidade	5,2 (1,58)	5,5 (0,93)	5,1 (1,01)	5,5 (0,97)	0,32
Felicidade subjetiva	5,1 (1,46)	5,5 (0,94)	5,1 (1,02)	5,5 (1,00)	0,20
Questionário de Felicidade de Oxford	4,4 (0,90)	4,7 (0,72)	4,3 (0,65)	4,7 (0,59)	0,01
Resiliência	82,1(13,69)	85,0(10,37)	80,3(10,14)	87,4 (9,34)	0,00
Autoconfiança	29,1 (4,78)	30,7 (3,84)	28,8 (4,07)	31,5 (3,64)	0,00
Sentido na vida	18,7 (2,75)	19,2 (1,87)	18,1 (2,66)	19,4 (1,92)	0,03
Serenidade	11,6 (2,75)	11,7 (1,70)	11,1 (1,58)	12,1 (1,73)	0,07
Perseverança	11,3 (2,81)	11,6 (2,23)	11,2 (1,83)	12,1 (2,24)	0,14
Autossuficiência	11,4 (2,69)	11,8 (2,12)	11,0 (2,36)	12,2 (1,97)	0,03
Qualidade de vida geral	7,5 (1,76)	7,3 (1,27)	7,3 (1,46)	7,9 (1,40)	0,15
Qualidade de vida no trabalho	7,2 (1,73)	7,2 (1,38)	7,0 (1,70)	7,5 (2,02)	0,60

*Anova

Quanto à satisfação com o ambiente educacional, os docentes com mais de dez anos de atuação na docência apresentaram diferença significativa em relação ao prazer ($p < 0,03$), paixão ($p < 0,00$) e orgulho ($p < 0,06$) na realização do seu trabalho, perceberam mais sentido ($p < 0,04$) e satisfação com sua posição na vida ($p < 0,00$), além de perceber maior satisfação no relacionamento com os alunos ($p < 0,03$). Os docentes com maior tempo de atuação na docência também relataram maior renda financeira ($p < 0,00$) e maior satisfação das suas necessidades materiais ($p < 0,02$) (Tabela 23).

Tabela 23 - Análise da satisfação com o ambiente educacional por tempo de atuação na docência

Satisfação com o ambiente educacional	Tempo de atuação na docência				p*
	< 1 ano (n =13) Média(DP)	1-5 anos (n =24) Média(DP)	5-10 anos (n=39) Média(DP)	>10 anos (n =73) Média(DP)	
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	3,8(0,98)	4,0 (0,71)	3,5 (0,93)	3,8 (078)	0,13
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	3,0(1,00)	3,0 (1,10)	2,8 (1,05)	3,3 (0,83)	0,06
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	4,1 (0,80)	4,1 (0,61)	3,8 (0,43)	4,3(0,63)	0,00
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	4,0 (0,86)	4,1 (0,67)	3,9 (0,70)	4,2 (0,71)	0,23
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	4,1 (1,06)	4,2 (0,67)	4,3 (0,84)	4,7 (0,56)	0,00
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	3,5 (0,96)	3,9 (0,65)	3,9 (0,82)	4,3 (0,75)	0,00
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	4,0 (0,70)	4,2 (0,79)	3,9 (0,72)	4,4 (0,61)	0,00
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	4,1 (0,86)	4,4 (0,71)	4,3 (0,77)	4,6 (0,49)	0,04
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	3,4 (1,12)	3,9 (0,71)	3,6(0,95)	3,9 (0,80)	0,10
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?	3,8 (0,83)	4,0 (0,65)	4,0 (0,74)	4,3 (0,67)	0,03
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	3,3 (1,12)	3,8 (0,63)	3,8 (0,76)	4,0 (0,84)	0,05
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	3,8 (1,06)	4,0 (0,92)	4,0 (1,01)	4,2 (0,84)	0,28
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	3,4 (1,19)	3,8 (0,86)	3,6 (0,90)	3,9 (1,01)	0,30
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	3,3 (1,10)	3,1 (0,79)	2,8 (0,99)	3,2 (1,03)	0,26
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	3,8 (0,66)	3,8 (0,89)	3,9 (0,87)	3,8 (0,90)	0,95
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	3,5 (0,87)	3,7 (0,81)	3,6 (0,63)	3,9 (0,73)	0,02

*Anova

5.12 CATEGORIZAÇÃO DOS ESCORES DE RESPOSTA NO QUESTIONÁRIO DE FELICIDADE DE OXFORD (OHQ)

Nossa amostra obteve uma média de 4,6 no Questionário de Felicidade de Oxford. Obtivemos na categorização dos docentes em relação as respostas no OHQ a seguintes

distribuições dos docentes: 24,16% (n=36) menos felizes, 24,16% (n=36) pouco felizes , 26,84% (n=40) felizes e 24,84% (n=37) muito felizes.

A Tabela 24 apresenta os resultados da comparação da estratificação da percepção de felicidade dos docentes e seus escores de resiliência e qualidade de vida geral e no trabalho. Os docentes que se perceberam como muito felizes apresentaram diferença significativa no escore de resiliência e em todos os seus domínios, na qualidade de vida geral e no trabalho em relação aos docentes que se perceberam como menos felizes.

Tabela 24 - Análise das categorias docentes no Questionário de Felicidade de Oxford por resiliência e seus domínios, qualidade de vida geral e no trabalho

Escalas	Questionário de Felicidade de Oxford				p*
	Menos felizes (n=36)	Pouco felizes (n=36)	Felizes (n=40)	Muito felizes (n=37)	
	Média(DP)	Média(DP)	Média(DP)	Média(DP)	
Resiliência	72,7(10,43)	83,6 (7,55)	87,7(5,59)	94,3(2,94)	0,00
Autoconfiança	26,7 (4,69)	29,7 (3,24)	31,4(2,49)	33,8(1,35)	0,00
Sentido na vida	16,5 (2,44)	18,8 (1,74)	19,7(1,17)	20,7(0,73)	0,00
Serenidade	9,9 (1,91)	11,5 (1,27)	12,1(1,26)	13,4(0,72)	0,00
Perseverança	9,9 (2,39)	11,9 (2,04)	12,1(1,79)	13,2(1,18)	0,00
Autossuficiência	9,7(2,25)	11,7(1,87)	12,4(1,47)	13,2(1,65)	0,00
Qualidade de vida geral	6,7 (1,45)	7,5 (1,53)	7,8 (0,95)	8,6 (1,11)	0,00
Qualidade de vida no trabalho	6,3 (1,73)	6,8 (2,15)	7,5 (1,24)	8,6 (1,20)	0,00

*Anova

As respostas no questionário de satisfação com o ambiente educacional foram estratificadas em três quartis e categorizadas como os menos satisfeitos, os moderadamente satisfeitos e os mais satisfeitos com o ambiente educacional, e relacionamos os docentes mais satisfeitos com as categorias no Questionário de Felicidade de Oxford.

A Tabela 25 mostra a relação dos mais satisfeitos com o ambiente educacional em relação ao Questionário de Felicidade de Oxford e percebemos que os docentes mais satisfeitos com o ambiente educacional estavam dentre os mais felizes no OHQ. A diferença foi significativa no nível de $p < 0,01$.

Tabela 25 - Distribuição dos docentes mais satisfeitos com o ambiente educacional de acordo com as categorias do Questionário de Felicidade de Oxford

Docentes mais satisfeitos com o ambiente educacional	Categorias do Questionário de Felicidade de Oxford				p*
	Menos felizes n (%)	Pouco felizes n (%)	Felizes n (%)	Muito felizes n (%)	
Quem mais sorriu nas últimas 24 h.	14 (14,3)	25 (25,5)	30 (30,6)	29 (29,6)	0,00
Quem mais teve o dia livre de dor, raiva ou preocupação.	5 (8,8)	10 (17,5)	16 (28,1)	26 (45,6)	0,00
Quem mais sente prazer na atuação do trabalho.	22 (17,1)	31 (24,0)	40 (31,0)	36 (27,9)	0,00
Quem mais sente satisfação com o trabalho que exerce.	21 (16,9)	30 (24,2)	37 (29,8)	36 (29,0)	0,00
Quem mais sente orgulho na realização do trabalho.	27 (19,9)	33 (24,3)	40 (29,4)	36 (26,5)	0,00
Quem mais tem satisfação com sua posição na vida.	17 (14,5)	32 (27,4)	33 (28,2)	35 (29,9)	0,00
Quem mais sente valor e paixão pelo trabalho.	23 (18,1)	32 (25,2)	36 (28,3)	36 (28,3)	0,00
Quem mais percebe sentido na vida.	27 (19,7)	35 (25,5)	39 (28,5)	36 (26,3)	0,00
Quem mais está satisfeito com o clima educacional na instituição.	17 (15,3)	26 (23,4)	33 (29,7)	35 (31,5)	0,00
Quem mais está satisfeito com o relacionamento com os alunos.	25 (20,0)	28 (22,4)	36 (28,8)	36 (28,8)	0,00
Quem está mais satisfeito com as condições de trabalho.	21(18,1)	25 (21,6)	34 (29,3)	36 (31,0)	0,00
Quem mais concorda que o trabalho permite crescimento pessoal.	22 (18,6)	25 (21,2)	37 (31,4)	34 (28,8)	0,00
Quem mais está satisfeito com seu reconhecimento na instituição.	13 (13,0)	25 (25,0)	27 (27,0)	35 (35,0)	0,00
Quem mais está satisfeito com o seu tempo de lazer.	9 (17,0)	9 (17,0)	11 (20,8)	24 (45,3)	0,00
Quem mais consegue satisfazer suas necessidades materiais.	16 (17,0)	24 (25,5)	25 (26,6)	29 (30,9)	0,00

*Quiquadrado

5.13 ANÁLISE DA CORRELAÇÃO ENTRE OS ESCORES DE FELICIDADE, RESILIÊNCIA E QUALIDADE DE VIDA GERAL E NO TRABALHO

Dentre as escalas de felicidade aplicadas neste estudo, o Questionário de Felicidade de Oxford (OHQ) mostrou correlação forte (0,71) com a Escala de Felicidade subjetiva e com a Autoavaliação de Felicidade (0,64). Em relação as outras escalas, o OHQ apresentou correlação forte (0,77) com a escala RS14 e seus domínios (0,54 – 0,72), e com a Autoavaliação da Qualidade de vida geral (0,56) e no trabalho (0,53). A correlação foi significativa no nível de

0,01 (Tabela 26). O Questionário de Felicidade de Oxford (OHQ) apresentou correlações moderadas e fortes com a Satisfação Docente no Ambiente Educacional ($p < 0,00$) (Tabela 27).

Tabela 26 - Correlação entre Questionário de Felicidade de Oxford e os outros instrumentos utilizados na pesquisa

Escalas	Questionário de Felicidade de Oxford - Correlação de Pearson	p*
Autoavaliação de Felicidade	0,64	0,00
Felicidade subjetiva	0,71	0,00
Resiliência	0,77	0,00
Autoconfiança	0,66	0,00
Sentido de vida	0,72	0,00
Serenidade	0,69	0,00
Perseverança	0,54	0,00
Autossuficiência	0,60	0,00
Qualidade de vida geral	0,56	0,00
Qualidade de vida no trabalho	0,53	0,00

* $p < 0,01$

Tabela 27 - Correlação entre Questionário de Felicidade de Oxford e a Satisfação Docente com o ambiente educacional

Satisfação docente no ambiente educacional	Questionário de Felicidade de Oxford Correlação de Pearson	p*
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?	0,44	0,00
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?	0,43	0,00
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?	0,54	0,00
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?	0,46	0,00
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?	0,41	0,00
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?	0,51	0,00
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?	0,49	0,00
Em que medida você percebe sentido na sua vida?	0,52	0,00
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?	0,48	0,00
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?	0,50	0,00
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?	0,46	0,00
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?	0,49	0,00
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?	0,40	0,00
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?	- 0,12	0,16**
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?	0,35	0,00

* $p < 0,01$

** não houve significância estatística nesta correlação.

6 DISCUSSÃO

6 DISCUSSÃO

O presente estudo tem como foco a análise dos fatores de influência sobre a percepção de felicidade subjetiva, resiliência, qualidade de vida e satisfação com o ambiente educacional de professores universitários.

Trata-se de um estudo inédito que contribui com o entendimento acerca da visão de professores universitários sobre sua prática, considerando aspectos de reconhecimento de propósito, emoções positivas e sentimento de orgulho, que, no seu conjunto, segundo especialistas, contribuem para a felicidade. Os resultados deste estudo confirmam a nossa hipótese de que felicidade e a qualidade de vida dos docentes estão associadas à satisfação com o ambiente educacional.

O tamanho da amostra foi adequado para as análises estatísticas, da mesma forma que a validade interna e qualidade dos dados foram adequadas. As principais limitações do estudo são o seu delineamento transversal, o que nos impede de realizar inferências causais e o fato da pesquisa ter incluído somente uma instituição de ensino. No entanto, apesar das limitações, o estudo faz contribuições importantes para o tema e pode ser usado como modelo para estudos futuros multicêntricos.

O estudo foi realizado no UNIFAA, em Valença, uma cidade histórica, de médio porte, com características rurais, e com condições que contribuem para uma boa qualidade de vida, considerando a qualidade do ar, a proximidade com a natureza, o clima ameno, e a facilidade de transporte e moradia. Se esse conjunto não representa as razões de engajamento de todos os professores, pelo menos, é válido para aqueles residentes no município ou, mesmo, aqueles que não residem em Valença, mas sentem-se atraídos pelo lugar e aceitam o trabalho em município deferente do seu lugar de moradia. Além disso, o reconhecimento do UNIFAA como uma instituição que contribui com o desenvolvimento regional e das pessoas pode reforçar a percepção positiva do ambiente educacional e ser mais um estímulo ao engajamento dos docentes.

Metade dos docentes da pesquisa residem em Valença. Sabe-se que a mobilidade urbana está relacionada ao bem-estar social. Residir a menos de 30 minutos do trabalho, e, de preferência, ir a pé ou pedalando aumentam os níveis de felicidade (Buettner, 2017). Em nosso estudo, cerca de 51,6% dos docentes (n=77) gastam menos de 30 minutos no deslocamento para o trabalho, sendo que 11 docentes se deslocam a pé e três de bicicleta. Estes dados podem, teoricamente, contribuir para percepção de felicidade subjetiva e para qualidade de vida dos

participantes, no entanto, não encontramos diferença estatisticamente significativa em relação ao tempo de deslocamento e o meio de transporte utilizado de casa até o trabalho.

Em nosso estudo, a idade dos respondentes foi um fator de influência sobre a percepção de felicidade, e, para sua análise, utilizamos o conceito de gerações. Segundo Karl Mannheim, no século XX, indivíduos que crescem como contemporâneos e que experimentam as mesmas influências de cultura intelectual, política e social constituem uma geração, visto que as influências que sofrem são homogêneas. Para esse autor e os que o sucederam estudando a problemática geracional, o que caracteriza uma geração em si não é uma data de nascimento em comum, mas, sim, a parte do processo histórico que jovens da mesma idade ou classe compartilham. Há divergência quanto ao início, término e duração de cada geração. Sabe-se que não há um tempo certo definido e que este tempo vem diminuindo devido à aceleração tecnológica, sobre os modos sociais de existência de 30 para 25, e de 20 para até 10 anos. Cada geração possui características próprias e formas diferentes de adquirir conhecimento e de atuar no mercado de trabalho (Weller, 2010; Feixa e Lecardi, 2010; Andrade et al., 2012).

Segundo Veloso, Dutra e Nakato (2008), Neto e Franco (2010) e Comazzetto et al. (2016), a descrição das características de cada geração, na literatura, não diferem tanto como diferem a duração de cada uma delas. No trabalho, os Baby Boomers são motivados, otimistas, comprometidos, leais e valorizam sua posição e ascensão dentro da empresa. A manutenção de seu emprego e sua aposentadoria são seus principais objetivos de vida. A geração X teve que desenvolver habilidades para assimilar as tecnologias digitais e melhorar sua empregabilidade, pois o contexto de trabalho já não garantia a estabilidade. A geração X é mais individualista, autoconfiante e valoriza a lealdade a si. No ambiente de trabalho, gostam de desafios, liberdade, flexibilidade e necessitam de *feedback* constante. Em contrapartida, a geração Y cresceu entre as tecnologias de informação, são conectados e captam os acontecimentos em tempo real. Sua vida pessoal é priorizada em relação à vida profissional.

Os docentes no nosso estudo pertencem às gerações Silenciosa, Baby Boomers, X e Y. A maioria dos participantes é da geração X e atua há mais de 10 anos na docência, sendo a maior parte desta carreira desenvolvida no UNIFAA. O fato da maioria dos docentes ser da geração X pode interferir na prática docente, pois, como vivenciaram um ensino tradicional, podem vir a ter dificuldades na implementação de novos métodos de ensino.

O UNIFAA assume como modelo educacional um currículo *blended*, com aulas expositivas dialogadas, e outras estratégias educacionais com interação e participação ativa dos alunos. Nesse sentido, a capacitação docente é uma oportunidade para apresentar os princípios da andragogia, ensinar as diferenças entre as gerações, os diferentes modelos de aprendizagem,

métodos de ensino e avaliação no processo educacional. Os docentes desse estudo participam semestralmente de programas de capacitação docente e vários são apoiados a seguir a especialização em Educação. Dentre os princípios do UNIFAA, estão uma educação transformadora, o desenvolvimento permanente, o acolhimento e a colaboração.

O desenvolvimento docente promove uma mudança positiva nas atitudes docentes e aumenta a eficácia do ensino em Medicina. O professor, ao se desenvolver profissionalmente, torna-se mais consciente do seu papel de educador, adquire conhecimentos e habilidades em novos métodos de ensino, o que aumenta sua motivação, entusiasmo e satisfação, impactando positivamente no processo de ensino-aprendizagem (Steinert et al., 2006, 2016; Tempski, Arantes e Marins, 2019).

Steinert et al. (2006), em sua revisão sistemática sobre desenvolvimento docente, referem que são necessárias quatro condições para que ocorra uma mudança na prática docente: o desejo de mudar, o conhecimento do que fazer e de como fazer, um ambiente favorável e o reconhecimento pela mudança. As duas primeiras condições podem ser alcançadas por meio do desenvolvimento docente. Já o ambiente favorável pode ser construído a partir de emoções positivas no ambiente de trabalho. As pessoas ficam satisfeitas com seus empregos quando se sentem competentes para realizar suas tarefas e atingem seus objetivos (autoeficácia), quando são expostas a condições de trabalho favoráveis e reforçadoras, quando percebem que estão progredindo no trabalho (realização pessoal) e quando possuem traços que as predispõem a experimentar afeto positivo na maioria das situações da vida (Lent et al., 2011).

Atualmente, no ambiente educacional do UNIFAA, e, igualmente, em outras instituições de ensino, coexistem indivíduos de diferentes gerações, com suas características próprias, que, ao serem compreendidas e valorizadas, podem tornar o ambiente educacional mais harmonioso e produtivo.

De acordo com os escores obtidos nas escalas de felicidade, os docentes participantes do estudo, foram classificados como felizes e com escores de resiliência moderadamente elevados, além de boa percepção da qualidade de vida geral e no trabalho, e satisfeitas com o ambiente educacional. Essa associação entre altos escores de resiliência e satisfação com o ambiente educacional foi anteriormente verificado em estudantes de Medicina brasileiros. Aqueles estudantes com maiores escores de resiliência tinham também uma melhor percepção da qualidade de vida e do ambiente de ensino. Nesse mesmo estudo multicêntrico, sediado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, foi observado que os estudantes valorizavam para sua qualidade de vida os relacionamentos significativos com a família, amigos, tutores e mentores (Tempski et al., 2015; Enns, 2016).

Ainda sobre diferenças geracionais, observamos que a autoavaliação de felicidade subjetiva foi melhor nos docentes da geração Baby Boomer em relação à geração X e destes em relação à geração Y. Os docentes mais longevos são mais satisfeitos e mais realizados com sua vida. Estes dados corroboram com a literatura, visto que a satisfação com a vida e a qualidade de vida aumentam com a idade, sendo maior após os 40 anos e declinando após os 75 anos, apresentando uma curva em formato de U. O declínio após esta idade se deve, principalmente, à influência de outras variáveis, tais como a saúde física e mental, e não somente ao aumento da idade (Horley e Lavery, 1995; Andrews, 2011; Kaipa, 2017). Veenhoven (1997), no artigo “*Advances in understanding happiness*”, admite que idosos e jovens são igualmente felizes, e que a vida não parece menos satisfatória na velhice.

Verificamos, no presente estudo, que a qualidade de vida geral e no trabalho foi mais bem percebida também pela geração de Baby Boomers. Ainda nesse grupo, a média da qualidade de vida no trabalho foi ligeiramente superior à média de qualidade de vida geral. Quando comparamos a satisfação com o ambiente educacional, os Baby Boomers também perceberam menos emoções negativas no seu dia e relataram mais prazer na atuação do seu trabalho, maior satisfação com sua posição na vida e com o clima educacional, além de perceberem melhor seu relacionamento com os alunos.

O fato de os indivíduos mais longevos, na sua maioria, já terem constituído família e terem seus projetos de vida realizados faz com que eles experimentem uma maior satisfação em relação à vida e ao trabalho. Muitos estudiosos têm demonstrado que as pessoas casadas, que têm bons amigos e são próximas da família são mais felizes do que aquelas que não têm estes laços. Relacionamentos significativos aumentam a percepção de felicidade, a satisfação com a vida e o bem-estar. A qualidade dos relacionamentos mostra maior efeito na felicidade do que a quantidade de relacionamentos. Relacionamentos sociais proporcionam uma felicidade duradoura diferente das recompensas materiais, que estão sujeitas à comparação e adaptação (Diener; Veenhoven, 1984; Seligman, 2004; Couto, Koler e Novo, 2006; Andrews, 2011; Tempiski, 2012; 2018; Waldinger et al.; Buettner, 2017).

Analisando a composição do núcleo familiar, a maioria dos docentes de nossa amostra é casada e vive com cônjuge, mas não encontramos diferença em relação à percepção de felicidade. De acordo com o livro “Os mitos da felicidade”, de Sonja Lyubormirsky (2013), não necessariamente os casados são mais felizes do que os solteiros ou vice-versa. Após o casamento, obtém-se um estímulo imediato de felicidade, mas, ao longo do tempo, é possível experimentar uma estagnação da felicidade pelo fato da adaptação hedônica, que consiste em se habituar ou se acostumar com as mudanças na vida. Talvez pelo fato dos professores com

maiores escores de felicidade serem os mais longevos e, já estarem casados há mais tempo, não tenhamos encontrado tal diferença.

Ainda em relação à composição do núcleo familiar, cerca de 61,1% dos docentes (n=91) possuem filhos e percebem melhor a qualidade de vida geral. Não há evidências de aumento expressivo na felicidade após se ter filhos; assim como, com o casamento, inicialmente, a felicidade aumenta, mas, com o tempo, a felicidade pode diminuir e, conseqüentemente, levar a uma queda permanente na satisfação com o relacionamento. A felicidade em relação aos filhos aumenta na velhice quando os pais têm relações positivas com os filhos já adultos. Os mais velhos relatam que ter netos é a melhor experiência de suas vidas (Diener, 1984; Lyubomirsky, 2013).

Outro fator de influência analisado foi o sexo. Nossa amostra teve predominância masculina, mas com um percentual expressivo de mulheres na docência (48,3%), refletindo a tendência atual da feminização nas profissões da Saúde e no mercado de trabalho. O contingente feminino em 1970 representava 20% da força de trabalho em Saúde de nível superior, passando para 39% em 1980 e 47,2% no final da década de 1990. No setor de Saúde, a participação feminina chega a quase 70% do total, com 62% da força de trabalho das categorias profissionais de nível superior. Profissões tradicionalmente masculinas, como Medicina e Odontologia, têm taxas crescentes de participação feminina (Wermelinger et al., 2010). No ensino superior no Brasil, de acordo com o Censo da Educação Superior de 2018, do Ministério da Educação, 46% dos professores universitários são mulheres.

De acordo com Diener (1984), Myers e Diener (1995) e Veenhoven (1997), a percepção de felicidade não difere muito entre homens e mulheres. Nas análises por sexo da nossa amostra, não verificamos diferença estatisticamente significativa na felicidade.

Em relação à satisfação com o ambiente educacional, também não encontramos diferença em relação ao sexo. Estes dados divergem do encontrado na literatura, pois as mulheres tendem a responder pior aos questionários de percepção, visto que os homens tendem a valorizar menos os sintomas físicos e psicológicos (Schraiber, Gomes e Couto, 2005; Fielder-Tempski, 2008). Enns (2014) demonstrou que estudantes do sexo masculino têm melhor percepção do ambiente educacional quando comparados ao sexo feminino, estas relataram mais a falta de apoio para os estudantes estressados, sentiram-se mais desestimuladas e cansadas no curso.

Em nossa pesquisa, analisamos, também, a prática religiosa, e os docentes que se afirmam religiosos e praticantes apresentam uma melhor percepção de felicidade, além de uma melhor percepção de sua qualidade de vida. Em relação ao ambiente educacional, a percepção

também foi mais satisfatória e positiva. Os docentes com prática religiosa relatam mais paixão, prazer e satisfação na realização do trabalho, além de estarem mais satisfeitos com as condições de trabalho.

A prática religiosa, a participação em eventos sociais e tornar-se membro de alguma instituição religiosa se relaciona com maior estabilidade na qualidade de vida. Panzini e colaboradores (2007) demonstraram existir associação positiva entre bem-estar espiritual e qualidade de vida. Myers e Diener (1995) concluíram que as pessoas praticantes de uma religião referem maiores escores de felicidade e de satisfação com a vida, e estes escores são tão maiores quanto maior for esta participação religiosa. A religião incentiva a caridade, a moderação e o trabalho árduo, infunde esperança no futuro, e dá significado e sentido à vida (Seligman, 2004).

Em relação à formação profissional, os docentes médicos apresentam uma maior percepção de felicidade, maior renda financeira e maior satisfação de suas necessidades materiais. Susan Andrews (2011) afirma, em seu livro “A ciência de ser feliz”, que a riqueza aumenta a felicidade até o ponto em que tira o indivíduo da linha da pobreza, pois a ausência de renda, a miséria, é que se relaciona com a infelicidade. Quando o indivíduo aumenta sua renda e consegue o mínimo para manter suas necessidades básicas, tais como moradia, alimentação, educação e saúde, uma renda adicional pouco contribuirá na sua satisfação com a vida. O foco na renda e no materialismo em detrimento de relacionamentos ou propósito é prejudicial à felicidade (Myers e Diener 1995; Diener et al., 2018). Nossos dados reforçam a ideia de que a felicidade é geradora em potencial de uma maior renda, mas não é suficiente de forma isolada para que o indivíduo se reconheça como feliz. Em geral, as pessoas mais felizes que têm melhores salários e melhores empregos, visto que são mais abertas, mais engajadas, mais motivadas e, conseqüentemente, mais produtivas (Lyubormiski, King e Diener, 2005, Achor, 2012; Omais, 2018).

Achor (2012) defende que felicidade leva ao sucesso e à realização, e que as pessoas mais felizes apresentam níveis mais elevados de produtividade são mais eficazes em posições de liderança, recebem uma melhor avaliação de seu desempenho e são mais bem remunerados, e, assim, tendem a criar um ambiente de trabalho propício ao alto desempenho. Os principais fatores relacionados à felicidade no trabalho são relacionamentos interpessoais positivos, trabalho significativo e reconhecimento pessoal (Lyubomirski, King e Diener, 2005; Benevene et al., 2012).

Além das características sociodemográficas e da formação profissional, buscamos entender se há relação da titulação acadêmica do professor e do tempo de atuação na docência com uma maior satisfação do ambiente educacional e felicidade. De acordo com nossos

resultados, 70% dos docentes da amostra possuem mestrado e/ou doutorado e apresentam diferença significativa na resiliência e nos domínios autoconfiança, serenidade e perseverança, além de relatarem mais orgulho na realização do seu trabalho. Quanto maior a titulação acadêmica referida, maior a percepção de resiliência e orgulho no trabalho, mostrando uma característica do tipo “dose efeito”.

Nossos dados mostram uma associação entre felicidade, qualidade de vida e satisfação no ambiente educacional. Esses dados podem estar relacionados ao reconhecimento e à valorização do profissional na instituição, que defende um movimento crescente e contínuo acreditando na capacidade de cada pessoa.

A resiliência no nosso estudo está associada à satisfação com a vida e maior felicidade. Professores mais resilientes percebem melhor o ambiente de trabalho e, conseqüentemente, percebem melhor sua qualidade de vida no trabalho promovendo seu bem-estar. Este fato não se deve somente à titulação acadêmica, já que os professores com maior titulação também são aqueles com mais idade, mais realizados e, conseqüentemente, maior renda.

Em relação ao tempo de atuação na docência, metade dos docentes que participaram do estudo possui mais de dez anos de atuação na docência e relata uma melhor percepção de felicidade, resiliência e dos domínios autoconfiança, sentido na vida e autossuficiência. Relata, ainda, mais prazer, paixão e orgulho na realização do trabalho, percebe mais sentido e satisfação com a sua posição na vida, além de maior satisfação no relacionamento com os alunos.

Entendemos que a resiliência faz o professor persistir na carreira docente, apesar de suas dificuldades, e que nossa amostra se constitui de professores dedicados à carreira docente e que, potencialmente, são também aqueles vocacionados e com melhor percepção do ambiente educacional. No nosso estudo, o tempo de atuação na docência está diretamente relacionado com a idade. Podemos inferir que os professores menos felizes e menos resilientes deixaram de dar aula mais cedo.

Os docentes mais felizes apresentam diferença estatisticamente significativa na resiliência e em todos os seus domínios, na qualidade de vida geral e no trabalho, e uma melhor percepção do ambiente educacional em comparação aos colegas menos felizes. Quando os professores estão felizes e satisfeitos, eles são mais propensos a ter uma atitude positiva em relação ao ensino, a serem mais engajados na sala de aula e a ter um relacionamento melhor com os alunos.

Sabemos que a felicidade se constitui no entrelaçamento de emoções positivas, propósito e orgulho. No ambiente educacional, professores e estudantes devem ser capazes de utilizar e potencializar suas forças e virtudes (otimismo, alegria, gratidão e generosidade) a fim

de gerar mais emoções positivas e menos emoções negativas. As emoções positivas tornam o ambiente educacional mais favorável ao aprendizado, visto que as pessoas se tornam mais engajadas, mais motivadas e mais produtivas. Professores mais satisfeitos e mais realizados impactam positivamente o ambiente educacional.

Nesse sentido, as experiências vivenciadas no ambiente educacional desempenham importante papel no estabelecimento da identidade profissional dos alunos. Quando os professores são modelos e suas ações são de excelência, eles inspiram seus alunos e colegas ao redor, gerando bem-estar e melhorando a qualidade de vida (Harden e Lilley, 2018; Fountan et al., 2020).

Segundo Achor (2012), a felicidade é contagiante e as emoções positivas são uma poderosa ferramenta para o desempenho e o sucesso no trabalho. Quanto mais felizes nos sentimos, mais positividade transmitimos aos nossos colegas e, conseqüentemente, aos nossos estudantes.

Emoções positivas aliadas ao desenvolvimento docente promovem a realização pessoal, maior motivação e maior satisfação, conferindo significado e propósito ao seu trabalho, conseqüentemente, aumentando a felicidade e a qualidade de vida. Portanto, investir no desenvolvimento docente, potencialmente, pode melhorar a qualidade de vida e o processo de ensino-aprendizagem nos cursos de Medicina, pois aumenta a autoconfiança e autoeficácia do professor na sala de aula. Em última análise, a satisfação dos professores com a vida e com o trabalho pode contribuir para a felicidade do estudante. Os resultados deste estudo servem como base para aprimoramento das políticas institucionais de apoio, desenvolvimento e reconhecimento docente, mas, principalmente, podem estimular a reflexão de professores e ajudá-los a encontrar, ou reencontrar, seu propósito.

7 CONCLUSÕES

7 CONCLUSÕES

Nesse estudo, os docentes se percebem felizes, têm resiliência moderadamente elevada, uma boa qualidade de vida geral e no trabalho, e estão satisfeitos com o ambiente educacional. Aqueles mais felizes são também os mais satisfeitos com o ambiente educacional, com maiores escores de resiliência e qualidade de vida geral e no trabalho.

Os docentes da geração Baby Boomers se percebem mais felizes que os docentes das gerações X e Y, apresentam melhor percepção da qualidade de vida geral e no trabalho e maior satisfação com seu ambiente educacional.

Não há diferença na percepção de felicidade em relação ao sexo e à composição do núcleo familiar (filhos ou viver com conjugue).

Docentes que afirmam ter uma prática religiosa se percebem mais felizes, com melhor qualidade de vida e estão mais satisfeitos com o ambiente educacional, quando comparados com seus colegas não religiosos.

Os docentes médicos têm melhor percepção de felicidade, referem maior renda financeira e maior realização de suas necessidades materiais. Além disso, lecionar no curso de Medicina, independente da formação profissional, está relacionado a uma maior renda financeira.

Professores com maior titulação acadêmica são mais resilientes e mais orgulhosos do seu trabalho, havendo relação dose-efeito.

Os professores com maior tempo de docência sentem mais prazer, orgulho e sentido na realização de seu trabalho. O tempo de atuação na docência apresenta relação positiva com a felicidade, com a resiliência total e com a satisfação no ambiente educacional.

Nossos resultados permitem concluir que a percepção de felicidade, resiliência e qualidade de vida estão associadas a uma maior satisfação docente com o ambiente educacional.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Achor S. O jeito Harvard de ser feliz: o curso mais concorrido de uma das melhores universidades do mundo. 1ª ed. São Paulo: Saraiva; 2012. 216p.
- Andrade S I, Mendes P, Correa DA, Zaine MF, Oliveira AT. Conflito de gerações no ambiente de trabalho: um estudo em empresa pública. In: Anais do 9º Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia; 2012. Resende, RJ, Brasil, 2012.
- Andrews S. A ciência de ser feliz. Gudne N, tradutor. São Paulo: Ágora; 2011. 112p.
- Ausubel D. Educational Psychology; a cognitive view. New York: Holt, Reinhard and Winston, 1968. 704p.
- Baldassin S, Martins LC, Andrade AG. Traços de ansiedade entre estudantes de medicina. Arq Med ABC. 2006;31(1):27-31.
- Bellodi PL. Por que o programa de tutores (mentoring) na universidade? In: Martins MA. Tutoria: mentoring na formação médica. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2005.
- Benevene P, De Stasio S, Fiorilli C, Buonomo I, Ragni B, Briegas JJM, Barni D. Effect of teachers' happiness on teachers' health: the mediating role of happiness at work. Front Psychol. 2017; 10:2449. doi: 10.3389/fpsyg.2019.02449.
- Bogler R, Nir AE. The importance of teachers perceived organizational support to job satisfaction: what's empowerment got to do with it? J Educ Adm. 2012;50(3):287-306. doi: 10.1108/09578231211223310.
- Bradburn NM. The structure of psychological well-being. Chicago: Aldine. 1969. 318p.
- Brandão JM, Mahfoud M, Gianordoli-Nascimento IF. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. Paidéia 2011;21(49):263-71.
- Buettner D. The blue zones of happiness. Lessons from the world's Happiest people. Washington DC: National Geographic Partners LLC; 2017. 288p.
- Centro Universitário de Valença. Portal UNIFAA. Disponível em: <https://www.unifaa.edu.br/sobre-nos>.
- Cintra CL, Guerra VM. Educação positiva: a aplicação da psicologia positiva a instituições educacionais. Psicol Esc Educ. 2017;21(3):505-14.
- Cohen J. Statistical power analysis for the behavioral sciences. 2nd ed. Estados Unidos: Lawrence Erlbaum Associates; 1988. 579p. Available from: <https://www.utstat.toronto.edu/~brunner/oldclass/378f16/readings/CohenPower.pdf>.
- Comazzetto LR, Vasconcellos SJL, Perrone CM, Gonçalves J. A geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. Psicol Ciênc Prof. 2016;36(1):145-157. doi: 10.1590/1982-3703001352014.

Cosco TD, Kaushal A, Richards M, Kuh D, Stafford M. Resilience measurement in later life: a systematic review and psychometric analysis. *Health Qual Life Outcomes*. 2016 Jan 28;14:16. doi: 10.1186/s12955-016-0418-6.

Couto MCPP, Koller SH, Novo RF. Resiliência no envelhecimento: risco e proteção. In: Falcão DV, Dias CMSB (Orgs.). *Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. v2; pp. 315-38.

Cramer JA; ILAE Subcommittee on Outcome Measurement in Epilepsy (Carol Camfield, Hans Carpay, Christopher Helmstaedter, John Langfitt, Kristina Malmgren, and Samuel Wiebe). Principles of health-related quality of life: assessment in clinical trials. *Epilepsia*. 2002 Sep;43(9):1084-95. doi: 10.1046/j.1528-1157.2002.47501.x.

Cronbach LJ. Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*. 1951;16(3):297-334.

Csikszentmihalyi M. *Flow: a psicologia do alto desempenho e da felicidade*. Leite C, tradutor. Rio de Janeiro: Objetiva; 2020. 336p.

Damásio BF, Borsa JC, da Silva JP. 14-item resilience scale (RS-14): psychometric properties of the Brazilian version. *J Nurs Meas*. 2011;19(3):131-45. doi: 10.1891/1061-3749.19.3.131.

Damásio BF, Zanon C, Koller SH. Validation and psychometric properties of the Brazilian version of the subjective happiness scale. *Univ Psychol*. 2014;3(1):17- 24. doi: 10.11144/Javeriana.UPSY13-1.vppb.

Datu JAD, Valdez JP, Cabrera IK, Salanga MG. Subjective happiness optimizes educational outcomes: evidence from filipino high school students. *Span J Psychol*. 2017 Oct 30;20:E60. doi: 10.1017/sjp.2017.55.

Diener E, Oishi S, Lucas RE. Personality, culture, and subjective well-being: emotional and cognitive evaluations of life. *Annu Rev Psychol*. 2003;54:403-25. doi: 10.1146/annurev.psych.54.101601.145056.

Diener E. Subjective well-being. *Psychol Bull*. 1984;95(3):542-75.

Diener E, Seligman MEP, Choi H, Oishi S. Happiest people revisited. *Perspect Psychol Sci*. 2018 Mar;13(2):176-84. doi: 10.1177/1745691617697077

Enns SC. *Avaliação da percepção do ambiente de ensino e sua relação com a qualidade de vida em estudantes de medicina [dissertação]*. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2014. 152p.

Enns SC, Perotta B, Paro HB, Gannam S, Peleias M, Mayer FB, Santos IS, Menezes M, Senger MH, Barelli C, Silveira PSP, Martins MA, Tempski PZ. Medical students' perception of their educational environment and quality of life: Is there a positive association? *Acad Med*. March 2016;91(3):409-17. doi: 10.1097/ACM.0000000000000952.

Feixa C, Leccardi C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Dossiê: a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológico*. *Soc Estado*. 2010;25(2):185-204. doi: 10.1590/S0102-69922010000200003.

Ferraz RB, Tavares H, Zilberman ML. Happiness: a review. *Rev Psiquiatr Clin.* 2007;34(5):234-42. doi: 10.1590/S0101-60832007000500005.

Fiedler-Tempski PZ. Avaliação da qualidade de vida do estudante de medicina e da influência exercida pela formação acadêmica [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2008. 308p.

Fountain AC, Roberts EP, Schuster G, Breitmeyer AM, Stein AB. Dental faculty, student, and alumni perceptions of happiness and life satisfaction in dental school: foundations for resilience and well-being. *J Dent Educ.* 2020;84(3):336-342. doi:10.21815/jde.019.181.

Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 3 ed. São Paulo: Paz e terra, 2008. 144p.

Genn JM. AMEE Medical Education Guide No. 23 (Part 1): curriculum, environment, climate, quality and change in medical education: a unifying perspective. *Med Teach.* 2001a;23(4):337-44. doi: 10.1080/01421590120063330.

Genn JM. AMEE Medical Education Guide No. 23 (Part 2): curriculum, environment, climate, quality and change in medical education: a unifying perspective. *Med Teach.* 2001b; 23(5):445-54. doi: 10.1080/01421590120075661.

Harden RM, Laidlaw JM. *Essential skills for medical teacher: an introduction to teaching and learning in medicine.* 2nd ed. Edinburgh: Elsevier; 2017. 334p.

Harden RM, Lilley P. *The eight roles of the medical teacher: the purpose and function of teacher in the healthcare professions.* Edinburgh: Elsevier, 2018. 318p.

Helliwell J, Layard R, Sachs J. *World happiness report.* New York; Sustainable Development Solutions Network . 2017. 188p.

Hills P, Argyle M. The Oxford Happiness Questionnaire: a compact scale for the measurement of psychological well-being. *Pers Individ Dif.* November 2002;33(7):1073-82. doi: 10.1016/S0191-8869(01)00213-6.

Hovasapian A, Levine LJ. Keeping the magic alive: social sharing of positive life experiences sustains happiness. *Cogn Emot.* 2018 Dec;32(8):1559-70. doi: 10.1080/02699931.2017.1422697.

Horley J, Lavery JJ. Subjective well-being and age. *Soc Indic Res.* 1995;34(2):275–82.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Portal do. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br>.

Kaipa S, Paul KK, Satpathy A, Epari V. Are dentists happy? A study among dental practitioners in coastal Andhr. *Indian J Dent Res.* 2017;28(6):604-608. doi: 10.4103/ijdr.IJDR_18_17.

Knowles MS. *The adult learner: a neglected species.* Houston, TX: Gulf Publishing Co. 1990. 294p.

- Lavy S, Bocker S. A path to teacher happiness? A sense of meaning affects teacher–student relationships, which affect job satisfaction. *J Happiness Stud.* 2018;19(5):1485-503. doi: 10.1007/s10902-017-9883-9.
- Lent RW, Brown SD. Social cognitive career theory and subjective well-being in the context of work. *J Career Assess.* 2008;16(1):6-21. doi: 10.1177/1069072707305769.
- Lent RW, Nota L, Soresi S, Ginevra MC, Duffy RD, Brown SD. Predicting the job and life satisfaction of Italian teachers: test of a social cognitive model. *J Vocat Behav.* 2011;79(1):91-97. doi: 10.1016/j.jvb.2010.12.006.
- Lyubomirsky S, Lepper HS. A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct val. *Social Indicators Research. ABI/INFORM Global.* 1999; 46:2:137-55. doi: 10.1023/A:1006824100041.
- Lyubomirsky S, King L, Diener E. The benefits of frequent positive affect: does happiness lead to success? *Psychol Bull.* 2005;131(6):803-55. doi: 10.1037/0033-2909.131.6.803.
- Lyubomirsky S. Os mitos da felicidade: o que deveria fazer você feliz, mas não faz; o que não deveria fazer você feliz, mas faz. Rieche E, tradutor. Rio de Janeiro: Odisseia, 2013. 304p.
- Merton RK. A life of learning. American Council of Learned Societies; 1994. (ACSL Occasional Paper, 25). Available from: https://www.acls.org/wp-content/uploads/2021/11/Haskins_1994_RobertKMerton.pdf.
- Millan LR, De Marco OLN, Rossi E, Arruda PCV. O universo psicológico do futuro médico – vocação, vicissitudes e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1999. 282p.
- Myers DG, Diener E. Who is happy? *Psychol Sci.* 1995;6(1):10-19. doi:10.1111/j.1467-9280.
- Neto ES, Franco ES. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. *Rev Educ Cogeime.* 2010;19(36):9-25. doi: 10.15599/0104-4834/cogeime.v19n36p9-25.
- Norman G. Likert scales, levels of measurement and the “laws” of statistics. *Adv in Health Sci Educ.* 2010;15: 625-32. doi: 10.1007/s10459-010-9222-y.
- Okoye O; Ezisi CN; Ezeque FU. Evaluation of the learning and teaching environment of the Faculty of Medical Sciences. College of Medicine, University of Nigeria, Enugu Campus. *Niger J Clin Pract.* 2017;20:958-63. doi: 10.4103/njcp.njcp_414_16.
- Omais S. Manual de psicologia positiva: tudo que você precisa saber sobre o movimento que vem mudando a forma de olhar o ser humano, despertando o melhor das pessoas e unindo: ciência, felicidade e bem-estar. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora; 2018. 176p.
- Paludo S, Koller SH. Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia;* 2007;17(36)9-20. doi: 10.1590/S0103-863X2007000100002.
- Panzini GR, Rocha NS, Bandeira DR, Fleck, MPA. *Arch Clin Psychiatry.* 2007;34(suppl.1). doi: 10.1590/S0101-60832007000700014.

Passarelli-Carrazzoni P, Silva JA. Bem-estar subjetivo: autoavaliação em estudantes universitários. *Estud Psicol.* 2012;29(3):415-25. doi: 10.1590/S0103-166X2012000300011.

Pesce RP, Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JC, Carvalhaes R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cad Saude Publica.* 2005;21(2):436-48. doi: 10.1590/S0102-311X2005000200010.

Pinheiro DPN. A resiliência em discussão. *Psicol Estud.* 2004;9(1):67-75. doi: 10.1590/S1413-73722004000100009.

Ramos MFH, Fernandez APO, Furtado KCN, Ramos EMLS, Silva SSC, Pontes FAR. Satisfação no trabalho docente: uma análise a partir do modelo social cognitivo de satisfação no trabalho e da eficácia coletiva docente. *Estud Psicol.* 2016;21(2):179-91. doi: 10.5935/1678-4669.20160018.

Ria Jochemsen-van der Leeuw HG, van Dijk N, Wieringa-de Waard M. Assessment of the clinical trainer as a role model: a Role Model Apperception Tool (RoMAT). *Acad Med.* 2014 Apr;89(4):671-7. doi: 10.1097/ACM.0000000000000169.

Ribeiro CAC. Renda, relações sociais e felicidade no Brasil. *Dados.* 2015;58(1):37-78. doi: 10.1590/00115258201538.

Rodrigues A. O bem-estar subjetivo de comerciantes e comerciários de Ribeirão Preto e região. [Dissertação]. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2007.

Roff S, McAleer S, Harden RM. Development, and validation of Dundee Ready Education Environment Measure (DREEM). *Med Teach.* 1997; 19(4):295-99. doi: 10.3109/01421599709034208.

Rutter M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. *Am J Orthopsychiatry.* 1987 Jul;57(3):316-31. doi: 10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x.

Sarwar S, Tarique S. Perception of educational environment: does it impact academic performance of medical students? *J Pak Med Assoc.* 2016 Oct;66(10):1210-4. doi: 10.26574/maedica.2023.18.4.80.

Santos ABC, Pereira JDE, Silva LM da R, Barbosa SG, Alves SSL. Validação do Questionário de Felicidade Oxford e sua correlação com a escala de satisfação com a vida em amostra brasileira. João Pessoa-PB: 2019. 19p.

Schraiber LB, Gomes R, Couto MT. Homens e saúde na pauta da saúde coletiva. *Ciênc Saúde Col.* 2005;10(1):7-17. doi: 10.1590/S1413-81232005000100002.

Seligman MEP. Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva; 2004. 336p.

Short CA, Barnes S, Carson JF, Platt I. Happiness as a predictor of resilience in students at a further education college. *J Furth High Educ.* 2020;44(2):170-184. doi: 10.1080/0309877X.2018.1527021.

Smith SC, Lamping DL, Banerjee S, Harwood R, Foley B, Smith P, Cook JC, Murray J, Prince M, Levin E, Mann A, Knapp M. Measurement of health-related quality of life for people with dementia: development of a new instrument (DEMQOL) and an evaluation of current methodology. *Health Technol Assess.* 2005 Mar;9(10):1-93, iii-iv. doi: 10.3310/hta9100.

Sousa CS; Guerreiro A. Resiliência educacional e construção do conhecimento. *Educação.* 2014;39(3):567 -76. doi: 10.5902/1984644414343.

Steinert Y, Mann K, Centeno A, Dolmans D, Spencer J, Gelula M, Prideaux D. Systematic review of faculty development initiatives designed to improve teaching effectiveness in medical education: BEME Guide No. 8. *Med Teach* 2006;28(6):497-526. doi: 10.1080/01421590600902976.

Steinert Y, Mann K, Anderson B, Barnett BM, Centeno A, Naismith L, Prideaux D, Spencer J, Tullo E, Viggiano T, Ward H, Dolmans D. A systematic review of faculty development initiatives designed to enhance teaching effectiveness: A 10-year update: BEME Guide No. 40. *Med Teach.* 2016 Aug;38(8):769-86. doi: 10.1080/0142159X.2016.1181851.

Tempeski PZ. Qualidade de vida e resiliência do estudante de medicina e da Escola Médica. Projeto VERAS – Vida do Estudante e Residente da Área da Saúde. Texto sistematizado sobre parte da obra para obtenção do Título de Livre Docente em Educação na Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo: FMUSP; 2018.

Tempeski PZ. Diálogo filosófico sobre qualidade de vida. *Cadernos ABEM* 2010;(6):62-73.

Tempeski PZ, Bellodi PL, Paro HBMS, Enns SC, Martins MA, Schraiber LB. What do medical students think about their quality of life? A qualitative study Universidade de São Paulo. *BMC Med Educ.* 2012 Nov 5;12:106. doi: 10.1186/1472-6920-12-106.

Tempeski PZ, Martins MM. Caderno do Curso de Especialização em Educação na Saúde FMUSP, 2022. Acessado em fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.fm.usp.br/cedem/conteudo/caderno%20do%20curso%20-%20cees%203%20-%202022-2023%20.pdf>.

Tempeski PZ, Martins MA. Modelos teóricos do processo ensino-aprendizagem aplicados as estratégias educacionais de Simulação. In: Scalabrini A, Fonseca AS, Brandão CFS. *Simulação clínica e Habilidades na saúde.* 2.ed. Rio de Janeiro: Atheneu; 2020. p.1-10.

Tempeski PZ, Martins MA, Paro HB. Teaching and learning resilience: a new agenda in medical education. *Med Educ.* 2012 Apr;46(4):345-6. doi: 10.1111/j.1365-2923.2011.04207.x.

Tempeski PZ, Perotta B, Pose RA, Vieira JE. A questionnaire on the quality of life of medical student. *Med Educ.* 2009;43(11):1107-8. doi: 10.1111/j.1365-2923.2009.03476.x.

Tempeski P, Santos IS, Mayer FB, Enns SC, Perotta B, Paro HB, Gannam S, Peleias M, Garcia VL, Baldassin S, Guimaraes KB, Silva NR, da Cruz EM, Tofoli LF, Silveira PS, Martins MA. Relationship among medical student resilience, educational environment and quality of life. *PLoS One.* 2015 Jun 29;10(6):e0131535. doi: 10.1371/journal.pone.0131535.

Tempeski PZ, Arantes F, Martins MA. Programa profissão Docente: Profissional, professor e educador. Número 16. 2019. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.fm.usp.br/cedem/conteudo/publicacoes/News_Letter_16_-_Mar_2019.pdf

The World Health Organization Quality of Life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Soc Sci Med*. 1995 Nov;41(10):1403-9. doi: 10.1016/0277-9536(95)00112-k.

Tomás I, Aneiros A, Casares-de-Cal MA, Quintas V, Prada-López I, Balsa-Castro C, Ceballos L, Gómez-Moreno G, Llena C, López-Jornet P, Machuca MC, Palés J. Comparing student and staff perceptions of the "Educational Climate" in Spanish Dental Schools using the Dundee Ready Education Environment Measure. *Eur J Dent Educ*. 2018 Feb;22(1):e131-e141. doi: 10.1111/eje.12270.

Veenhoven R. Advances in understanding happiness. *Rev Qué Psychol*. 1997;18:29-74.

Veloso EFR, Dutra JS e Nakata LE. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e baby boomers. In: 22º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração; 2008. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração; 2008.

Vygotsky LS. A formação social da mente. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1998a. 192p.

Vygotsky LS. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São paulo. EDUSP, 1998b.

Vygotsky L. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo. Martins Fontes, 2011. 496p.

Wagnild G. A review of the Resilience Scale. *J Nurs Meas*. 2009;17(2):105-13.

Wagnild GM. The Resilience Scale user's guide for the US English version of the Resilience Scale and the 14 - item Resilience Scale (RS-14). Worden, MT: The Resilience Center; 2010.

Wagnild GM, Young HM. Development and psychometric evaluation of the resilience scale. *J Nurs Meas*. 1993;1(2):165-78.

Waldinger RJ, Shulz M, Vaillant G. Harvard Second Generation Study [Acessado em março de 2018]. Available from: <http://www.adultdevelopmentstudy.org/>.

Weller W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Soc Estado*. 2010;25(2):208. doi: 10.1590/S0102-69922010000200004.

Wermelinger M, Machado MH, Tavares MFL, Oliveira ES, Moysés NMN. A força de trabalho do setor de saúde no Brasil: focalizando a feminização. *Saúde Debate*. 2010;(45):54-70.

Werner EE. Children and war: risk, resilience, and recovery. *Dev Psychopathol*. 2012;24:553-8. doi: 10.1017/S0954579412000156.

Werner EE. Resilience, and recovery: findings from the Kauai longitudinal study. *Res Pol Pract Child Ment Health*. 2005;19(1):11-14.

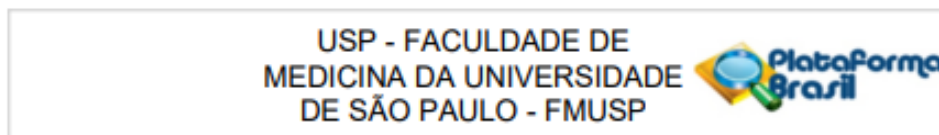
WHOQOL Group. The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In: Orley J, Kuyken W. (eds.). *Quality of life assessment: international perspectives*. Springer Verlag, Heidelberg; 1994. pp.41-60.

Wolmann PGA, Melo GF. Revisão sistemática dos instrumentos de avaliação de felicidade e bem-estar subjetivo em idosos. In: VII Congresso Internacional de envelhecimento humano. 2020. pp.1000-1019.

World Health Organization (WHO). Preamble to the constitution of the World Health Organization as adopted by the International Health Conference. New York, 1946.

Yoo DM, Kim DH. The relationship between students' perception of the educational environment and their subjective happiness. *BMC Medical Education*. 2019;19:409. doi: 10.1186/s12909-019-1851-0.

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Felicidade e resiliência dos professores de Medicina e sua percepção do ambiente de ensino.

Pesquisador: Patricia Zen Tempski

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 97965218.8.0000.0065

Instituição Proponente: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.979.729

Apresentação do Projeto:

É um projeto que pretende avaliar a felicidade e resiliência de docentes de medicina e a percepção do ambiente de ensino. É um projeto interessante e original.

Objetivo da Pesquisa:

Avaliar a relação de docentes de medicina com seu ambiente de trabalho.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos mínimos e possíveis benefícios futuros.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa original e com possível incremento no conhecimento na área de estudo pretendida.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória estão corretos.

Recomendações:

Nada a recomendar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências e inadequações.

USP - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FMUSP



Continuação do Parecer: 2.979.729

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1206891.pdf	15/10/2018 15:24:36		Aceito
Cronograma	CronogramacomAlteracoes_ProjetoCarlaMotta.docx	15/10/2018 15:24:07	Patricia Zen Tempski	Aceito
Outros	Form_CEP_CarlaMotta.pdf	04/09/2018 13:01:41	Patricia Zen Tempski	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_PlataformaBrasil_CarlaMotta.pdf	04/09/2018 13:01:06	Patricia Zen Tempski	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_FacdeMedicinadeValencia_ProjCarlaMotta.pdf	23/08/2018 15:28:32	Patricia Zen Tempski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CarlaMotta.docx	23/08/2018 15:26:28	Patricia Zen Tempski	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CarlaMotta.docx	23/08/2018 15:26:04	Patricia Zen Tempski	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 24 de Outubro de 2018

Assinado por:

Maria Aparecida Azevedo Kolke Folgueira
(Coordenador(a))

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL**

I. Nome:.....

Documento de identidade nº:

Sexo: M F data de nascimento:/...../.....

Endereço.....nº.....apto:.....bairro:.....

Cidade CEP:.....

Telefone: DDD (.....)

II. Responsável legal:

Natureza (grau de parentesco, tutor, curador etc.

documento de identidade:.....Sexo: M F

Data nascimento.:/...../.....

Endereço:.....nº.....

Apto:

Bairro:

Cidade:

CEP:

Telefone DDD: (.....)

Dados sobre a pesquisa

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Felicidade e resiliência dos professores universitários e sua percepção do ambiente de ensino.

PESQUISADOR: Patrícia Zen Tempski

CARGO/FUNÇÃO: médico (a) INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL Nº: 144200SP

UNIDADE DO HCFMUSP: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – CEDEM

2. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

Risco mínimo Risco médio

Risco baixo Risco maior

3. DURAÇÃO DA PESQUISA: 36 meses

4. APRESENTAÇÃO: Convidamos o(a) senhor(a) a participar de uma pesquisa científica. Pesquisa é um conjunto de procedimentos que procura criar ou aumentar o conhecimento sobre um assunto. Estas descobertas embora frequentemente não tragam benefícios diretos ao participante da pesquisa, podem no futuro ser úteis para muitas pessoas. Para decidir se aceita ou não participar desta pesquisa, o(a) senhor(a) precisa entender o suficiente sobre os riscos e benefícios, para que possa fazer um julgamento consciente. Inicialmente explicaremos as razões da pesquisa. A seguir, forneceremos um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), documento que contém informações sobre a pesquisa, para que leia e discuta com familiares e ou outras pessoas de sua confiança. Uma vez compreendido o objetivo da pesquisa e havendo seu interesse em participar, será solicitada a sua rubrica em todas as páginas do TCLE e sua assinatura na última página. Uma via assinada deste termo deverá ser retida pelo senhor (a) ou por seu representante legal e uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável.

5.A) JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

Visto que a felicidade e resiliência estão relacionadas com a satisfação na vida, qualidade de vida e na educação médica também com uma melhor percepção do ambiente educacional, este estudo se justifica pelo interesse em identificar os fatores que possam estar associados a uma melhor qualidade de vida nos docentes, nível de felicidade e resiliência dos docentes. E ainda busca conhecer de que forma o docente atuando como modelo, pode influenciar o discente a ter uma postura mais positiva em relação a sua qualidade de vida e percepção do ambiente educacional. Os dados serão coletados por meio do google formulários, após leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Serão utilizados os seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico, item de felicidade global, autoavaliação da qualidade de vida geral e específica como docente, escala subjetiva de felicidade, escala de resiliência e questionário de felicidade de Oxford.

5.B) DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS

Não há benefício direto para o(a) senhor(a). Estudos científicos baseiam-se na análise de grande número de amostras, sendo impossível estimar o benefício individual de cada indivíduo incluído no estudo. Pode ser que os resultados deste estudo tragam um benefício para uma parcela de docentes no futuro. Estes resultados podem levar muitos anos para serem

alcançados, por isso qualquer benefício proveniente desse estudo, caso haja, será apenas em longo prazo.

5.C) FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA

Em qualquer etapa do estudo, o(a) senhor(a) terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa. O investigador principal Patrícia Zen Tempski, que pode ser encontrado no CEDEM – Centro de Desenvolvimento de Educação Médica, Avenida Dr. Arnaldo 455, 2º andar, sala 2343 - São Paulo - SP – *telefone* (11) 3061 7472, das 8 às 17 horas. O investigador executante é Carla Fernandes Motta que pode ser encontrado na Faculdade de Medicina de Valença, Rua Coronel Leite Pinto, 40 - Centro, Valença - RJ, 27600-000, Telefone (24) 24534608, horário de atendimento das 8 às 17 horas.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (CEP-FMUSP): Av. Dr. Arnaldo, 251 - Cerqueira César - São Paulo - SP -21º andar – sala 36- CEP: 01246-000, horário de atendimento: 8:00-17:00h; Tel.: (11) 3893-4401/4407 E-mail: cep.fm@usp.br

5.D) LIBERDADE DE RECUSAR-SE E RETIRAR-SE DO ESTUDO

A escolha de entrar ou não nesse estudo é inteiramente sua. Caso o(a) senhor(a) se recuse a participar deste estudo, o(a) senhor(a) receberá o tratamento habitual, sem qualquer tipo de prejuízo ou represália. O(A) senhor(a) também tem o direito de retirar-se deste estudo a qualquer momento.

5.E) MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE

Os seus dados serão analisados em conjunto com outros indivíduos, não sendo divulgado a identificação de nenhum participante sob qualquer circunstância.

Solicitamos sua autorização para que os dados obtidos nesta pesquisa sejam utilizados em uma publicação científica, meio como os resultados de uma pesquisa são divulgados e compartilhados com a comunidade científica.

5.F) O (A) senhor(a) receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

5.G) Garantia de Ressarcimento

O(A) senhor(a) não terá qualquer custo, pois o custo desta pesquisa será de responsabilidade do orçamento da pesquisa. O (A) senhor(a) tem direito a ressarcimento em caso de despesas decorrentes da sua participação na pesquisa.

5.H) Garantia de indenização

O (A) senhor(a) tem direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

1. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo Felicidade e resiliência dos professores de Medicina e sua percepção do ambiente de ensino.

Eu discuti com o _____ sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento hospitalar, quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

Assinatura do participante

Data ____ / ____ / ____

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo

Data ____ / ____ / ____

ANEXO C – Instrumento de coleta**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO:**

*Itens obrigatórios

E-mail*: _____

1. Data de nascimento*: _____

2. Sexo*:

feminino

masculino

3. Estado civil*:

solteiro

casado

separado, desquitado ou divorciado

viúvo

4. Caso não seja casado, possui relacionamento estável?

sim

não

5. Vive em companhia de cônjuge ou companheiro*?

sim

não

6. Tem ou teve filhos*?

sim

não

7. Se teve filhos. São vivos?

- sim
 não

8. Tem religião ou outra forma de espiritualidade*?

- sim
 não

9. Se tem religião. É praticante?

- sim
 não

10. Cidade de domicílio*: _____

11. Tipo de transporte utilizado para ir ao trabalho*:

- individual
 coletivo

12. Meios de transporte para ir ao trabalho*:

- moto
 carro
 bicicleta
 ônibus
 Táxi/ Uber
 trem
 a pé
 outro

13. Tempo gasto do domicílio até o trabalho*:

- até 05 minutos
 de 06 minutos até meia hora
 mais de meia hora a uma hora
 mais de uma hora até duas horas

mais de duas horas

14. Qual a sua formação profissional (graduação)*?

15. Marque sua maior titulação*:

- graduado
- especialista
- mestrado
- doutorado
- pós-doutorado
- livre docente
- professor titular

16. Em quais cursos do UNIFAA você leciona*?

- Administração
- Direito
- Educação Física
- Enfermagem
- Gestão de recursos humanos
- Medicina
- Medicina veterinária
- Odontologia
- Pedagogia
- Psicologia

17. Qual sua carga horária semanal na instituição*:

- menos que 12 horas
- 13 a 19 horas
- 20 a 39 horas
- 40 horas

18. Qual sua carga horária semanal fora da instituição*:

- menos que 12 horas
- 13 a 19 horas
- 20 a 39 horas
- 40 horas
- nenhuma

19. Qual seu tempo, em anos, de atuação na docência*?

20. Renda financeira bruta*:

- acima de 20 salários-mínimos
- de 10 a 20 salários-mínimos
- de 4 a 10 salários-mínimos
- de 2 a 4 salários-mínimos
- menos de 2 salários-mínimos

Questionário Satisfação docente com o ambiente educacional*:

Responda as questões abaixo levando em consideração os últimos 15 dias.

1 = nunca

2 = quase nunca

3 = as vezes

4 = quase sempre

5 = sempre

Itens:	1	2	3	4	5
Em que medida você riu nas últimas 24 horas?					
Em que medida seu dia foi livre de dor, raiva ou preocupação?					
Em que medida você sente prazer na atuação do seu trabalho?					
Em que medida você está satisfeito com o trabalho que exerce?					
Em que medida você sente orgulho no seu trabalho?					
Em que medida você está satisfeito com sua posição na vida?					
Em que medida você percebe valor e paixão pelo trabalho?					
Em que medida você percebe sentido na sua vida?					
Em que medida você está satisfeito com o clima educacional de sua instituição?					
Em que medida você está satisfeito com o seu relacionamento com os alunos?					
Em que medida você está satisfeito com suas condições de trabalho?					
Em que medida você concorda que o seu trabalho permite crescimento pessoal?					
Em que medida você está satisfeito com seu reconhecimento na instituição?					
Em que medida você está satisfeito com o seu tempo de lazer?					
Em que medida você concorda que gasta muito do seu tempo fora da instituição com atividades do trabalho?					
Em que medida você consegue satisfazer suas necessidades materiais?					

Autoavaliação da Qualidade de vida:

De uma nota de 1 a 10 para sua qualidade de vida geral*:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

De uma nota de 1 a 10 para sua qualidade de vida no trabalho*:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Item de Felicidade global:

Considerando todas as coisas, quão feliz você está nos dias atuais*?

1 = não muito feliz

7 = muito feliz

1	2	3	4	5	6	7

Escala de Felicidade Subjetiva (FS)*:

Questão:	1	2	3	4	5	6	7
1. Em geral, considero-me:							

1 = uma pessoa que não é muito feliz

7 = uma pessoa muito feliz

Questão:	1	2	3	4	5	6	7
2. Comparativamente com as outras pessoas como eu, considero-me:							

1 = menos feliz

7 = mais feliz

Questão:	1	2	3	4	5	6	7
3. Algumas pessoas são geralmente muito felizes. Elas gozam a vida apesar do que se passa à volta delas, conseguindo o melhor do que está disponível. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?							

1 = de modo nenhum

7 = em grande parte

Questão:	1	2	3	4	5	6	7
4. Algumas pessoas geralmente não são muito felizes. Embora não estejam deprimidas, elas nunca parecem tão felizes quanto poderiam ser. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?							

1 = de modo nenhum

7 = em grande parte

Questionário de Felicidade de Oxford (OHQ)*:

Instruções:

Abaixo estão afirmações sobre felicidade. Por favor, indique o quanto concorda ou discorda com cada, completando um número de acordo com a escala abaixo:

1. Discordo profundamente
2. Discordo moderadamente
3. Discordo minimamente
4. Concordo minimamente
5. Concordo moderadamente
6. Concordo profundamente

Você deve ler as afirmações cuidadosamente porque algumas são expressas positivamente e outras negativamente. Não se demore muito em uma questão específica: não há respostas certas ou erradas, nem pegadinhas. A primeira resposta que vir a sua mente provavelmente será a melhor resposta. Se achar alguma questão difícil, por favor dê a resposta que é verdadeira para você em geral ou com frequência, entende ser a verdadeira.

Itens	1	2	3	4	5	6
1.Eu tenho sentimentos muito calorosos com quase todos.						
2.Sinto que possuo muita energia.						
3.Não tenho particularmente memórias felizes do passado.						
4.Eu sou muito feliz.						
5.Sinto que não estou, sobretudo, no controle de minha vida.						
6.Eu sou intensamente interessado em outras pessoas.						
7.Eu não me sinto particularmente satisfeito com a maneira que sou.						
8.Eu estou muito satisfeito com tudo em minha vida.						
9.Sinto-me alegre e exaltado.						
10.Não tenho particularmente um senso de significado e propósito para minha vida.						
11.Sempre tenho uma boa influência nos acontecimentos.						
12.Eu particularmente não sou otimista sobre o futuro.						

13.A vida é boa.						
14.Sempre contágio de alegria outras pessoas						
15.Sinto minha mente completamente alerta						
16.Eu sinto que minha vida é muito recompensada.						
17.Eu raramente me sinto descansado.						
18.Existe uma distância entre o que eu gostaria de fazer e o que faço.						
19.Não acho fácil tomar decisões.						
20.Não me sinto particularmente saudável.						
21.Eu acho a maioria das coisas agradável.						
22.Eu não acho que o mundo é um bom lugar.						
23.Sempre me saio bem em tudo que eu quero						
24.Eu não me acho atraente.						
25.Encontro beleza em algumas coisas.						
26.Eu sorrio muito.						
27.Sinto-me capaz de conseguir qualquer coisa.						
28.Não me divirto com outras pessoas.						
29.Estou sempre comprometido e envolvido.						

Escala de Resiliência (RS 14) *

1 = discordo fortemente

7 = concordo fortemente

Itens	1	2	3	4	5	6	7
1. Eu costume lidar com os problemas de uma forma ou de outra							
2. Sinto orgulho de ter realizado coisas na minha vida							
3. Quando faço planos, eu os levo até o fim							
4. Eu sou amigo de mim mesmo							
5. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo							
6. Eu sou determinado							
7. Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já enfrentei dificuldades antes							
8. Eu sou disciplinado							
9. Eu mantenho interesse nas coisas							
10. Eu normalmente posso achar motivo para rir							
11. Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis							
12. Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as outras podem contar							
13. Minha vida tem sentido							
14. Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída							